

I FÓRUM MISSIONÁRIO

25 e 26 de NOVEMBRO 2016

Auditório VITA



SÍNTESE DO FÓRUM

Ficha técnica:

Autoria e redação:

Ana Poças
Sara Poças

Paginação:

Sara Poças

Revisão:

Equipa do CMAB

Parceiros:

Pastoral Juvenil
Hi-God

Apoio:

Arquidiocese de Braga
Diário do Minho

Design gráfico:

Emanuel Cruz

Propriedade:

Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB)



Índice

Siglas e abreviaturas.....	4
I Fórum Missionário	5
Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB)	6
Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba	8
Comissão Organizadora do Fórum Missionário	10
Organizações que participaram no Fórum Missionário	11
Workshops Hi-GOD	12
Programa Geral	13
Notas biográficas dos conferencistas.....	15
Síntese dos temas abordados nas conferências	23
Principais conclusões do Fórum Missionário	49
Avaliação do Fórum Missionário	50

Siglas e abreviaturas

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AIS	Ajuda à Igreja que Sofre
AMI	Assistência Médica Internacional
CICS	Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CIDSE	Coopération Internationale pour le Développement et la Solidarité (ONG católica europeia)
CMAB	Centro Missionário Arquidiocesano de Braga
CRIA	Centro em Rede de Investigação em Antropologia
FEC	Fundação Fé e Cooperação (ONGD)
GAS	Grupo de Ação Social
GCVA	Granada Center for Visual Anthropology
GMP	Grupos Mission
HIV	Human Immunodeficiency Virus
INEE	Inter-Agency Network for Education in Emergencies
JIM	Jovens em Missão
MED	Ministério da Educação
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMP	Obras Missionárias Pontifícias
ONG	Organização Não Governamental
ONGD	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento
PAR	Plataforma de Apoio aos Refugiados
PROMAICA	Promoção da Mulher Angolana na Igreja Católica
SDAM	Secretariado Diocesano de Animação Missionária
SEF	Serviços de Estrangeiros e Fronteiras
SolSef	Sol Sem Fronteiras (ONGD)

I Fórum Missionário

O **I Fórum Missionário** surge no âmbito do encerramento do Ano Missionário 2015-2016 celebrado na Arquidiocese de Braga.

O Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB) propôs-se organizar o **I Fórum Missionário**, que decorreu nos dias 25 e 26 de novembro de 2016, em Braga, em colaboração com diversas instituições, movimentos sociais, religiosos, organizações da sociedade civil e pessoas de boa vontade que se reconhecem responsáveis pela *Casa Comum* e pela *Causa Comum*. O tema deste Fórum foi **“O que nos une a todos?”**.

O objetivo deste Fórum foi criar um espaço de reflexão aberto a todos os cidadãos a fim de concertar esforços para uma *causa comum*: promover uma cidadania ativa, porventura crente, face aos desequilíbrios locais e mundiais. Tivemos várias conferências sobre temas como *refugiados*, papel da *mulher na sociedade*, *desporto e comunicação social* e atividades autogeridas, dinamizadas por várias organizações da sociedade civil e grupos missionários, que se propuseram abranger o público em geral, com particular atenção ao público mais jovem. O Fórum decorreu no Centro Pastoral Arquidiocesano.

Diríamos que a novidade desta iniciativa, mais do que um evento, foi também um processo baseado no trabalho de articulação, de reflexão e de planificação combinadas de ações coletivas levadas a cabo pelas diferentes organizações e movimentos que integram uma preocupação comum – a do agir local e a do pensar global - como *“O sonho missionário de chegar a Todos”* (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, nº 31).

A metodologia adotada no fórum fortaleceu os diálogos para a convergência de muitas ações. Toda a programação foi construída de forma aberta e articulada pelas associações, organizações, fundações e outras, para facilitar a aglutinação dos encontros em torno de temas similares.

Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB)



O **Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB)** é o organismo da Igreja de Braga que **promove e coordena a formação, animação e cooperação missionária de todos os cristãos**.

Colabora com as Obras Missionárias Pontifícias (OMP), bem como com outras instituições de âmbito missionário.

Os **objetivos gerais** do CMAB são:

- organizar e concretizar a animação e a cooperação missionárias na diocese;
- trabalhar em consonância com as OMP e os Centros de animação missionária dos Institutos Missionários;
- velar pela boa implantação das OMP no espaço diocesano;
- interagir com os outros organismos pastorais da Diocese para imprimir uma dinâmica missionária na diocese;
- assegurar o relacionamento entre a comunidade local e os seus missionários.

Os **objetivos específicos** do CMAB são:

- a) promover e coordenar a formação, animação e cooperação missionária de todos os cristãos;
- b) promover a criação de «Grupos Missionários Paroquiais» (GMP);
- c) dar a conhecer e estimular à participação em iniciativas missionárias;
- d) ajudar a estabelecer um conhecimento e relacionamento mais fecundo entre as comunidades locais e os seus missionários;
- e) velar por um melhor conhecimento, implantação e colaboração com as Obras Missionárias Pontifícias (OMP);
- f) promover as iniciativas achadas oportunas para sensibilizar e levar os cristãos a viver a sua vocação missionária.

As **principais atividades** do CMAB são:

- dinamização do Outubro Missionário;
- divulgação e disseminação dos materiais da Infância Missionária;
- organização de encontro anual dos voluntários missionários da Diocese de Braga, com ligação aos grupos missionários paroquiais;
- promoção de encontros missionários com seminaristas;
- orientação de cursos de missiologia;
- coordenação do Projeto de Cooperação Missionária entre as Dioceses de Braga e Pemba (Moçambique), com o assumir da paróquia 552 da Diocese de Braga em Pemba;
- sensibilização das comunidades da Diocese de Braga para as diferentes formas de ser e viver em Igreja.

Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba



A cooperação missionária entre a Diocese de Braga e a Diocese de Pemba, em Moçambique, tem a sua origem histórica no ano de 2003 quando dois sacerdotes foram enviados pela Arquidiocese de Braga – através de um acordo com a Sociedade Missionária da Boa Nova – para a Diocese de Pemba por um período de 2 anos.

Durante o tempo de permanência destes dois sacerdotes, o Arcebispo de Braga fez questão de visitar a Diocese de Pemba tendo-se encontrado com o então Bispo de Pemba, D. Ernesto Maguengue e visitado algumas das suas comunidades.

No lançamento oficial do Outubro Missionário do ano de 2012, o Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, manifestou publicamente o seu sonho de irmanar missionariamente uma paróquia extraterritorial. Nesse sentido, o CMAB lançou um grupo de trabalho dedicado exclusivamente a esta cooperação missionária. Depois de algum tempo de reflexão, o assunto foi exposto no Conselho Pastoral Arquidiocesano e no Conselho Presbiteral tendo obtido pareceres absolutamente unânimes.

Em Setembro de 2013, D. Luiz Fernando Lisboa, atual Bispo de Pemba, deslocou-se a Braga no sentido de se encontrar com o D. Jorge Ortiga. Findo o encontro ficou lançada a hipótese de um estreitar dos laços entre ambas as Dioceses. Nessa linha, e como sinal desse compromisso e de “aprofundamento de laços de comunhão”, a Arquidiocese de Braga assegurou parte do contributo penitencial de 2014 para um projeto da Diocese de Pemba. Estavam assim lançados os primeiros passos na cooperação missionária entre estas dioceses.

Em outubro de 2014, aquando da visita do D. Luiz Fernando Lisboa à Diocese de Braga, foi assinado o Acordo de cooperação missionária entre as dioceses de Braga e Pemba, pelos bispos das duas dioceses, ficando assim firmada esta cooperação.

Em março de 2015, o CMAB realizou uma missão de diagnóstico à Diocese de Pemba, que está na base da proposta do projeto em curso. Visitou várias missões e também algumas organizações da sociedade civil, a fim de efetuar uma radiografia socio-religiosa da realidade desta Diocese. Iniciou-se então a formação de voluntários missionários, leigos e sacerdotes. Em agosto de 2016 partiu a primeira equipa missionária da diocese de Braga.

O projeto *Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba* tem como **objetivo geral**:

Contribuir para a criação e o aprofundamento de laços de comunhão e de partilha espiritual e material entre as Dioceses de Braga e Pemba.

Os **objetivos específicos** deste Projeto de Cooperação Missionária são:

1. Sensibilizar as comunidades das Dioceses de Braga e Pemba para as diferentes formas de ser e viver em Igreja.
2. Promover a realização de intercâmbios entre leigos, sacerdotes, irmãs e seminaristas das duas dioceses.
3. Facilitar a promoção de parcerias estratégicas entre organismos das Dioceses de Braga e Pemba.
4. Mobilizar recursos humanos e materiais, através de campanhas de sensibilização e angariação de fundos na Diocese de Braga.
5. Partilhar experiências de interculturalidade, através de um processo de aprendizagem ativo entre as Dioceses de Braga e Pemba, baseado nos valores da solidariedade, igualdade, inclusão e cooperação.

Comissão Organizadora do Fórum Missionário

CMAB

Bernardino Silva

Fátima Marcos

Cón. Fernando Monteiro

Gastão Veloso

Pe. Hugo Ventura

Ir. Maria José Ferreira da Silva

Marta Vilas Boas

Ir. Rosalina Barbosa

Sara Poças

Susana Eduarda Oliveira

Pastoral Juvenil

Alberto Gonçalves

Clara Carvalho

Filipa Silva

Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (DACS)

Ana Pinheiro

Filipa Correia

Flávia Barbosa

Pe. Paulo Terroso

Pe. Tiago Freiras

Hi-God

Fernando Vilaça

Miguel Vilaça

Organizações que participaram no Fórum Missionário

Cáritas Braga
Comunidade Cristo de Betânia
Conselho Central Conferencia Vicentina
Diálogos
Focolares
Fundação Ajuda Igreja Sofre
Fundação Fé e Cooperação (FEC)
Fundação Gonçalo da Silveira
GAS Porto
HELPO
Juventude Hospitaleira
Leigos para o Desenvolvimento
Movimento JIM
Obras Missionárias Pontifícias
O Ninho
ORBIS/SDAM Aveiro
Pastoral Universitária
Paulus
Rosto Solidário/Voluntariado Passionista
Sociedade Missionária da Boa Nova
Sol Sem Fronteiras

Workshops Hi-GOD

Organização proponente	Título do workshop	Obra de Misericórdia	Sala
Pastoral Universitária	Voluntariado Universitário Internacional de Curta Duração - Projeto Sementes	<i>Dar de comer a quem tem fome</i>	Piso 1 Sala Nazaré
SolSef	Diferente mas igual!	<i>Dar de beber a quem tem sede</i>	Piso 2 Sala Ação Católica
Missionários da Boa Nova	Direitos Humanos, uma Boa Nova ao serviço dos Povos	<i>Vestir os nus</i>	Piso 0 Sala Pe. António
Comunidade Cristo de Betânia	Capacitação da mulher desestruturada para a construção da Casa Comum	<i>Dar pousada aos peregrinos</i>	Piso 2 Sala Betânia
Irmãs Hospitaleiras	Marcados pela Hospitalidade: o direito a visitar e ser visitado!	<i>Assistir aos enfermos</i>	Piso 2 Sala Tabor
Cáritas Braga	Ser Cáritas	<i>Visitar os presos</i>	Piso 2 Sala Genesaré
Paulus	DOCAT - Como agir? Doutrina Social da Igreja	<i>Enterrar os mortos</i>	Piso 2 Sala Cenáculo
Rosto Solidário	É de género?	<i>Dar bom conselho</i>	Piso 0 Sala Tiberíades
FEC	Quem quer ser missionário?	<i>Ensinar os ignorantes</i>	Piso 0 Sala Jerusalém
Fundação Gonçalo da Silveira	Ativistas do Direito à Educação	<i>Corrigir os que erram</i>	Piso 0 Sala Belém
Família Comboniana	Evangelizar é a Nossa Alegria	<i>Consolar os tristes</i>	Piso 2 Sala Jericó
O NINHO	Desconstruir preconceitos, sensibilizar para a realidade da prostituição	<i>Perdoar as injúrias</i>	Piso 1 Sala Galileia
G.A.S. Porto	No G.A.S. Porto amar é...	<i>Sofrer com paciência a fraqueza do nosso próximo</i>	Piso 2 Sala Jordão
Fundação Ajuda Igreja Sofre	O contributo da AIS no apoio aos Cristãos perseguidos	<i>Rogar a Deus pelos vivos e defuntos</i>	Piso 1 Sala Emaús

Programa Geral

Dia 25 de novembro 2016

21:00 – Conferência de abertura: O Que Nos Une a Todos?

Marcelo Rebelo de Sousa (Presidente da República Portuguesa)

Dom Jorge Ortiga (Arcebispo de Braga)

Moderadora: Felisbela Lopes

Dia 26 de novembro 2016

9:30 - 11:00 – Refugiados no séc. XXI

Catarina Martins (Fundação Ajuda a Igreja que Sofre)

Eugénio da Fonseca (Cáritas Portuguesa)

Júlio Santos (Instituto da Educação - Universidade do Minho)

Moderador: Bernardino Silva

11:00 - 11:30 – Pausa

11:30 - 13:00 – Desporto no mundo globalizado

Manuel Mendes (Vitória Sport Clube)

Pedro Bezerra (Escola Superior de Desporto e Lazer - Instituto Politécnico de Viana do Castelo)

Moderador: Marta Vilas Boas

13:00 - 14:30 – Almoço

14:30 - 16:00 – A mulher na sociedade

Elizabeth Challinor (CRIA)

Shahd Wadi (Embaixada da Palestina)

Sheila Khan (Universidade do Minho)

Moderador: João Pedro Chantre

16:00 - 16:30 – Pausa

16:30 - 18:00 – Comunicação social: convivência entre o local e o global

Patrícia Pedrosa (ShoeBox Prod)

Paulo Moura (Jornal Público)

Tony Neves (Congregação do Espírito Santo)

Moderador: Pe. Tiago Freitas

18:00 – Conferência de Encerramento: O que nos une a todos?

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo (Bispo emérito da Diocese de Dili, Timor Leste)

Sara Poças (Centro Missionário Arquidiocesano de Braga)

18:45 – Momento musical

Grupo Musical Xilobaldes

Notas biográficas dos conferencistas



Marcelo Rebelo de Sousa (Presidente da República Portuguesa)

Marcelo Nuno Duarte Rebelo de Sousa nasceu em 12 de dezembro de 1948. É católico, participou em vários movimentos da Igreja.

Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa com a classificação de dezanove valores e doutorado em Ciências Jurídico-Políticas em 1985, com Distinção e Louvor por unanimidade.

Professor Catedrático de nomeação definitiva em 1992, por unanimidade. Depois de ter iniciado a sua carreira docente na área das Ciências Jurídico-Económicas, regeu todas as principais disciplinas do Grupo de Ciências Jurídico-Políticas. Em representação da Faculdade de Direito da U.L., presidiu à delegação que celebrou o primeiro acordo para a Faculdade de Direito de Bissau, e lecionou nas Universidades Agostinho Neto, Eduardo Mondlane e da Ásia Oriental.

Foi Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e da Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa.

Pertenceu à Comissão de Instalação e ao Conselho Científico da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, por onde é doutor *honoris causa*.

Foi Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros e Ministro dos Assuntos Parlamentares e membro do Conselho de Estado (2000-2001 e 2006-16).

Foi Presidente da Assembleia Municipal de Cascais, vereador e líder da oposição na Câmara Municipal de Lisboa e Presidente da Assembleia Municipal de Celorico de Basto.

Foi um dos fundadores do Partido Popular Democrático, depois Partido Social-Democrata, tendo assumido a sua liderança de 1996 a 1999 e foi Vice-Presidente do Partido Popular Europeu, no qual integrou o PSD.

Esteve na fundação dos jornais “Expresso” e “Semanário”, onde exerceu funções de direção e gestão. Fez análise política com caráter regular desde os anos 60 na imprensa escrita primeiro, e na rádio e televisão depois. Foi membro da comissão que elaborou a primeira Lei de Imprensa.

Presidiu ou integrou órgãos de diversas associações, IPSS e da Santa Casa da Misericórdia de S. Bento de Arnóia.



D. Ximenes Belo (Bispo emérito de Dili, Timor Leste)

Carlos Filipe Ximenes Belo nasceu em Uailacama, concelho de Baucau no dia 3 de Fevereiro de 1948.

Deu entrada no noviciado em 1972 e professou pela primeira vez na congregação Salesiana de Lisboa. Foi ordenado definitivamente em 1976. Fez o estágio no Colégio Salesiano de Fatumaca em Timor, em 1974. A guerra surpreendeu-o em Díli e impediu-o de regressar

ao seu colégio, passando para o colégio D. Bosco de Macau. Em 1980 veio a Lisboa e foi ordenado presbítero. Em 1981 regressou a Timor e em 1983 foi nomeado por João Paulo II Administrador Apostólico da Diocese de Díli. Em 1988 é elevado a Bispo de Loreum, continuando como Administrador Apostólico desta diocese.

Vendo que os massacres e o genocídio não paravam, conhecendo bem o pensar da população, apelou em 1989 para o Secretário-geral da ONU, a sugerir como solução um referendo a todo o povo de Timor-Leste, para conhecer a sua opinião. A partir daí, D. Ximenes Belo tornou-se num porta-voz do povo timorense, assim como o seu protetor, dando apoio à causa da Guerrilha e continuando a apelar interna e externamente à manutenção da Paz. Estes esforços foram recompensados em 1996, ano em que, juntamente com Ramos Horta, recebeu o Prémio Nobel da Paz. O ter sido laureado galvanizou o povo de Díli, numa calorosa receção à sua chegada a Timor. Sempre cuidadoso nas suas opiniões, sobre a questão de Timor-Leste, D. Ximenes não deixou nunca, no entanto, de expor as arbitrariedades das autoridades indonésias. Em 1998 foi doutorado *Honoris Causa* pela Universidade de Évora e o Presidente Jorge Sampaio condecorou-o com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

Após a independência de Timor-Leste, a 20 de Maio de 2002, a saúde do bispo começou a esmorecer perante a pressão dos acontecimentos que tinha vivido. O papa João Paulo II aceitou a sua demissão como administrador apostólico de Díli em 2002. Após se ter retirado, Ximenes Belo viajou para Portugal para receber tratamento médico.

No início de 2004, houve numerosos pedidos para que se candidatasse à presidência da república de Timor-Leste. No entanto, declarou à televisão estatal portuguesa RTP que não autorizaria que o seu nome fosse considerado para nomeação. "Decidi deixar a política para os políticos" - afirmou.

Com a saúde restabelecida, em meados de 2004, Ximenes Belo aceitou a ordem da Santa Sé para fazer trabalho de missão na diocese de Maputo, como membro da congregação dos Salesianos em Moçambique.

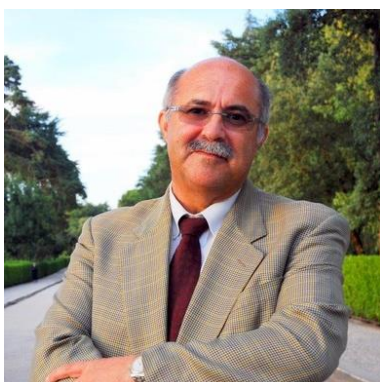
D. Ximenes Belo é «doutor Honoris Causa» pela Universidade do Porto, por proposta da respetiva Faculdade de Letras (em 2000, juntamente com Xanana Gusmão e José Ramos-Horta).

Refugiados no séc. XXI



Catarina Martins (Fundação Ajuda a Igreja que Sofre)

Catarina Martins Bettencourt, casada, mãe de duas filhas de 13 e 11 anos. Tem formação em biotecnologia. Diretora da Fundação AIS em Portugal desde novembro de 2006, tendo começado a colaborar com a AIS desde 1998, como voluntária, e posteriormente em 2000 como colaboradora.



Eugénio Fonseca (Cáritas Portuguesa)

Natural de Setúbal, é casado e tem dois filhos. Licenciado em Ciências Religiosas. Foi Presidente da Cáritas de Setúbal; Presidente- Adjunto da CNIS; do Júri do Selo de Escola Voluntária nomeado pelo Ministro da Educação anterior. Integrou a Comissão Nacional do RSI; o Conselho Consultivo para os Assuntos dos Imigrantes. Presidente da Cáritas Portuguesa; da Confederação Portuguesa de Voluntariado; do Conselho Consultivo do Centro Hospitalar de Setúbal por nomeação do Ministro da Saúde; do Conselho Geral do Instituto Politécnico de Setúbal. Membro efetivo do Conselho Económico e Social; do Conselho das Ordens de Mérito Civil.



Júlio Santos (Instituto da Educação - Universidade do Minho)

Júlio Santos é atualmente professor auxiliar convidado no Instituto de Educação da Universidade do Minho e Investigador no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Licenciado em Ensino de Português-Francês (UMinho, 1982), com mestrado (1996) e PhD (2000) em Educação Internacional e Comparada na Universidade de Sussex, Reino Unido. Foi professor na Eslováquia, França e Angola e atualmente coordena o Centro de Recursos para a Cooperação e Desenvolvimento na Universidade do Minho.

Coordenou, desde 2001, a Assistência Técnica a Projetos de Cooperação em Educação na Guiné-Bissau, Angola e Cabo Verde e trabalhou como consultor/avaliador para o Jesuit Refugee Service (Malawi e Moçambique), UNICEF (em Timor Leste), Save the Children, ADRA-Angola, IPAD e Camões-ICL e IIEP/UNESCO. É o representante do IE/UMinho no Grupo de Trabalho sobre Política Educativa da Rede Interinstitucional para a Educação em Emergências (INEE). É membro da Rede Lusófona pelo Direito á Educação (RELUS). Os seus interesses académicos incluem Educação, Cooperação e Desenvolvimento, Inovação e Mudança Curricular em Países em Desenvolvimento, Educação em Pequenos Estados Insulares, Educação em Emergências e Educação para a Cidadania Global.

Desporto no mundo globalizado



Manuel Mendes (Vitória Sport Clube)

Tem 45 anos e é atleta do Vitória Sport Clube, sendo o primeiro vimaranense a participar nos Jogos Paralímpicos, no Rio de Janeiro, onde participou na Maratona (Classe T46), conquistando a medalha de bronze, na especialidade onde conquistou este ano o 4º lugar no Campeonato do Mundo IPC, realizado em Londres, com um tempo que lhe permite estar hoje na maior competição desportiva do mundo.



Pedro Bezerra (Escola Superior de Desporto e Lazer - Instituto Politécnico de Viana do Castelo)

Professor doutorado em desporto, atualmente é subdiretor da Escola Superior de Desporto e Lazer do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. É treinador profissional de futebol. É investigador principal em vários projetos relacionados com atividade física e bem-estar na terceira idade. Tem vindo a colaborar com projetos de cooperação na área do desporto em Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

A mulher na sociedade



Elizabeth Challinor (CRIA)

Elizabeth Challinor é licenciada em línguas e literatura – francês, espanhol (Oxford 1988), mestre em desenvolvimento rural e social (Reading 1993) e doutorada em Antropologia Social (Sussex 2001). É investigadora no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) - Universidade do Minho onde coordena o grupo de investigação Governança, Política e Quotidiano. As suas áreas de interesse incluem a maternidade, as migrações, políticas públicas e a antropologia do desenvolvimento.



Sheila Khan (Universidade do Minho)

Sheila Khan é socióloga, é atualmente investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.UMinho). Doutorada em Estudos Étnicos e Culturais pela Universidade de Warwick. Tem, no seu percurso académico, centrado a sua atenção nos estudos pós-coloniais, com especial enfoque nas relações entre Moçambique e Portugal, incluindo a questão dos imigrantes moçambicanos em Portugal. De entre os temas que tem trabalhado inclui-se a história e a literatura moçambicana e portuguesa contemporâneas, narrativas de vida e de identidade a partir do Sul global, autoridades de memória e de pós-memória. É de destacar o seu recente livro, *Portugal a Lápis de Cor: A Sul de uma pós-colonialidade* (Almedina, 2015).



Shahd Wadi (Embaixada da Palestina)

Palestiniana, entre outras possibilidades, mas a liberdade é sobretudo palestina. Procura as suas resistências através dos feminismos palestinos dos corpos ocupados, ultimamente através do doutoramento que obteve em Estudos Feministas na Universidade de Coimbra. A sua tese intitulada “Corpos na trouxa: Histórias-artísticas-de-vida de mulheres palestinas no exílio” aborda as narrativas artísticas no contexto da ocupação israelita da Palestina. Na sua investigação considera as artes um testemunho de vidas. E também da sua.

Comunicação social: convivência entre o local e o global



Patrícia Pedrosa (ShoeBox.Prod)

Tem 45 anos e é apaixonada pela Antropologia e a Imagem. Trabalha há mais de 20 anos em documentário e imagem. #Começou pela televisão, na RTP. Esta foi a sua primeira escola, onde editou as primeiras imagens. Na RTP foi jornalista, durante 17 anos, em programas de informação diária e não diária. Fez documentário no programa Bombordo e participou, pela RTP, em projetos europeus como o Gente da Cidade/ City Folk. #Em Agosto de 2007 partiu para Manchester para fazer um MA em Antropologia Visual, no Granada Center for Visual Anthropology (GCVA), na Universidade de Manchester. Esta foi a sua segunda escola onde aprendeu muito do que sabe sobre Antropologia e a Imagem. A escola de Manchester é a escola do cinema observacional, mas também da Antropologia sensível. Aqui adquiriu ainda, a capacidade técnica para produzir, gravar, editar e pós-produzir um trabalho vídeo, documentário, filme. #Neste momento, trabalha como freelancer, na ShoeBox.Prod, na realização de projetos de vídeo que podem ser vídeos promocionais, curtas-metragens, filmes etnográficos e outros.



Paulo Moura (Jornal Público)

Paulo Moura é escritor e jornalista freelance. Foi repórter no jornal Público desde a sua fundação, correspondente em Nova Iorque e editor da revista Pública, mas, durante mais de 20 anos, tem feito reportagens por todo o mundo. Fez a cobertura jornalística de conflitos no Kosovo, Afeganistão, Iraque, Tchetchénia, Argélia, Angola, Caxemira, Sudão, Egipto, Líbia, Turquia, Ucrânia e muitas outras, ganhou vários prémios (Gazeta, AMI, ACIDI, Clube Português de Imprensa, FLAD, Lettre Ulisses, Lorenzo Natali, etc.) É professor de jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social, em Lisboa, e autor de oito livros. “Depois do Fim - Crónica dos Primeiros 25 Anos da Guerra de Civilizações” foi editado este ano pela Elsinore e conta a História do último quarto de século através da experiência do autor como repórter nos principais conflitos mundiais.



Tony Neves (Congregação do Espírito Santo)

Tony Neves, Missionário Espiritano, nasceu em Gondomar em 1962. Trabalhou em Angola durante a guerra civil, de 1989 a 1994, no Kuito e no Huambo. Licenciado em Teologia e Comunicação Social (UCP Lisboa), fez pós-graduações em Ciência das Religiões (Paris), Lusofonia e Relações Internacionais (Lisboa). É doutorado em Ciência Política (Universidade Lusófona, 2011) com a tese de doutoramento sobre o impacto no processo de paz das intervenções da Igreja católica em Angola. Exerceu funções como Presidente dos Institutos Missionários *Ad Gentes*; Diretor do Sector de Animação Missionária do Patriarcado de Lisboa Coordenador da Animação Missionária Espiritana; Professor do Ensino Superior no Kuito, no Huambo, em Lisboa e no Porto. Atualmente é o Provincial dos Espiritanos em Portugal, é o Presidente da Missão Press, Conselheiro Espiritual da região Lisboa 2 de Lisboa das Equipas de Nossa Senhora. Pertence, ainda, à Comissão Episcopal Missão e Nova Evangelização, à equipa do Departamento Nacional da Pastoral Juvenil, à Equipa Ecuménica Jovem. É comentador no programa lusofonias da Rádio Renascença, do qual foi o primeiro editor. É autor de vários livros e artigos em revistas e mantém presença regular nos meios de comunicação social.

Síntese dos temas abordados nas conferências

Dia 25 de novembro 2016

Conferência de abertura: O Que Nos Une a Todos?

A abertura do Fórum Missionário teve a presença do Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa.

Felisbela Lopes fez as honras de abertura do Fórum Missionário, apresentando os conferencistas que quase dispensam apresentações.

Dom Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga, começou a sua conferência referindo que grandes figuras da humanidade questionam: “O que nos une a todos?” Responder a esta pergunta só será possível na medida em que conseguirmos responder à pergunta: “Quem sou eu? Quem somos nós como povo?” Citou a Bíblia - o exílio na Babilónia - onde foi escrito no livro do Génesis: a paixão, a pureza, a curiosidade e a fidelidade, mas também a inveja, a dor, a traição e o poder. Diversos cativos levam-nos a pensar nos refugiados do norte de África: “Será isto que nos une?” Deixa a questão. Refere também o Holocausto, testemunhos reais da crueldade humana.

Esta é a primeira dimensão que nos une a todos: a *memória*. A memória coletiva de um povo que respeita os seus antepassados, a sua história e os seus valores. Sem memória não há identidade nem futuro. E lembra os jubileus ou anos de perdão. Deu o exemplo do jubileu da misericórdia.

Em segundo lugar refere a *fé* como um património ininterrupto e um pilar da alma portuguesa. O velho continente tem raízes e uma matriz judaico-cristã. Une-nos a todos a fé e o valor dos Evangelhos.

E questiona: “O que poderemos fazer hoje pelo nosso amanhã?” Citando o papa Francisco: “A verdade, porém, é que Deus, ao criar-nos, sem dúvida livres na existência, predispôs de certo modo a nossa essência ao pensá-la e dotá-la das capacidades requeridas para uma missão concreta ao serviço desta humanidade que Ele ama.” O dinheiro e o poder, sem, amor, nada valem. Une-nos por isso a *solidariedade, a amizade, o humanismo*, seja ele cristão ou simplesmente filantrópico. Isto é uma missão que deve questionar a todos e a cada um.

Por último, une-nos a dimensão do *diálogo*, a necessidade de consensos (sentir com, sentir junto). O diálogo é a transformação da realidade pela palavra, que transmite verdade, confiança, esperança, afeto e proximidade. A violência, seja ela de que género for, apenas gera violência, mas a palavra aproxima, transforma e gera a cultura do encontro.

É isso que pretendemos neste I Fórum Missionário: o encontro na palavra, no diálogo, para nos unirmos. Refere ainda os painéis temáticos do segundo dia e a discussão que podem gerar: o confronto, quando equilibrado, faz-nos bem, só com o diálogo construímos algo de novo, mas o consenso, em determinados momentos, pode também ser significativo e necessário. O diálogo é o caminho para o consenso, em prol do bem comum.

Dom Jorge Ortiga apela ainda ao diálogo entre crentes e não crentes. Faz referência ao ciclo de conferências Nova Ágora sobre o multiculturalismo.

Conclui que “É muito mais o que nos une na missão de construir um Portugal solidário, do que aquilo que nos divide nas desigualdades sociais, algumas delas escandalosas”.

Marcelo Rebelo de Sousa, presidente da República, começa assim o seu discurso: “O que nos une a todos: este é o tema, interrogação e afirmação”. Portugal é um Estado não confessional mas que invoca com gratidão o papel do cristianismo no seu nascimento e expressão e há muito aprendeu a lição de que conflitos entre Igreja e Estado são um erro. E continua questionando: O que nos une enquanto seres humanos? Une-nos a *humanidade*. A verdadeira globalização começou assim há muito tempo, antes mesmo de nos termos apercebido da sua existência. Somos todos substancialmente iguais. Temos todos a mesma dignidade! O presidente lamenta o regresso a racionalismos, relativismos, xenofobias, racismos, egoísmos de grupo que pretendam fazer distinção da pessoa humana. É um dever lutar contra esta violação da dignidade humana. E acrescenta que o que nos une na luta pela dignidade humana não se esgota na violação por ação, mas também por omissão. Temos o dever de promover a paz, o desenvolvimento, os direitos fundamentais e de combater a pobreza, a miséria, a opressão, as desigualdades e as injustiças dos mais próximos e dos mais distantes.

O que nos une a todos pode ser encarado numa ótica mais circunscrita, abrangendo comunidades multiestatais e multinacionais, como a União Europeia, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a Comunidade Ibero-Americana ou Transatlântica Norte Centro ou Sul. Em todas elas, é necessário construir laços humanos, culturais, educativos, sociais antes das pontes políticas ou económicas. Um dos fracassos deste tempo é a fragmentação do humano, ao qual se sobrepõe o poder económico e político. Refere a importância da Cáritas, que luta pela abertura fraterna, pela compreensão alheia e pela dignidade de todos.

Em suma, marcante é a evidência de que a realização pessoal tem de passar pelos diversos membros da comunidade, que servi-los é servi-la e é enriquecer a vocação própria de cada qual. A omissão é tão errada e condenável como a atuação contrária a essa missão social, a vocação pessoal muda ao longo da vida mas tem necessariamente uma vertente comunitária. As comunidades mais desenvolvidas são aquelas em que os indicadores qualitativos completam os indicadores meramente quantitativos e estes

retratam realidades coesas e homogêneas, sem disparidades afrontosas de condições de vida.

O que nos une a todos? Vida, saúde, educação, formação, justiça intergeracional, liberdade que afasta autoritarismos, coesão social que contradiga classismos marginalizadores. É isto ser-se missionário hoje, mais perto ou mais longe! E os crentes têm uma responsabilidade social e cívica maior. Recorda políticos católicos.

Marcelo conclui dizendo que o papel do Presidente da República de Portugal é zelar pela procura e pela garantia da dignidade da pessoa humana, unindo o que esteja dividido.

Felisbela Lopes inicia a moderação com uma questão em tom provocatório: apresentando Marcelo Rebelo de Sousa como um otimista moderado e o presidente dos afetos, questiona-o sobre como construir pontes com um país “deprimido”.

Marcelo começa por dizer que é otimista realista (em oposição ao otimismo irritante) porque é cristão e é professor. Não ignora a sociedade em que vive. Este é um tempo complexo no Mundo, na Europa e em Portugal, aumentando o utilitarismo e esquecendo o bem comum e a realização dos outros. Há quem não compreenda que a riqueza da Europa é ser um confluir de culturas. Em Portugal, em menos de 30 anos, tivemos mais mudanças na sociedade que o resto da Europa: fecho de 500 anos de um antigo império europeu ocidental que deixou de o ser, integração na comunidade europeia, descoberta e construção da democracia e várias mudanças no sistema económico, tudo ao mesmo tempo. As crises emergentes, quer exteriores, quer internas, e quer na crise, quer quando se sai, há sempre vários problemas... Como se faz a ponte? Tendo a noção de que há estes problemas! Mas ser-se ativo, contribuir para a mudança, agir sobre ela! Nunca deixar de lutar contra a pobreza, as injustiças, as desigualdades, nunca abandonar o diálogo. Lutar por uma justiça social, conforme nos diz a Doutrina Social da Igreja.

Felisbela Lopes questiona o Dom Jorge Ortiga, sobre como é que nós, otimistas com fé, podemos construir a eternidade nos outros que não têm esperança. Dom Jorge refere o tempo litúrgico em que vivemos, novos céus e nova terra, construindo assim uma nova eternidade. A eternidade é a vivência do amor, porque Deus é amor. Se houver este amor, estamos a construir eternidade. A afetividade é reconhecer o outro como um próximo. Concretiza na Parábola do Bom Samaritano. Assim, o Paraíso - a eternidade - está neste mundo, se quisermos, mas nós acabamos por viver como desconhecidos, não indo ao encontro do outro: somos vizinhos mas não somos “o próximo”.

Felisbela questiona Marcelo sobre a insensibilidade das pessoas em relação aos acontecimentos de Aleppo. Marcelo, ainda sobre a eternidade, falou de criar eternidade em cada instante que passa pelo outro, por exemplo, no voluntariado. A eternidade é mais do que felicidade. Refere ainda, sobre a proximidade, que podem

estar muitas pessoas no mesmo espaço sem estarem próximas, o que acontece cada vez mais, principalmente nas zonas urbanas e metropolitanas. Ou seja, a sociedade está a transformar-se, com a massificação, numa sociedade muito egoísta, muito fechada e pouco atenta aos problemas dos outros. Somos pouco sensíveis ao que se passa ao nosso lado e a comunicação social acaba por banalizar o que é dramático. E nós ficamos anestesiados, alienados, para não pensarmos nos problemas reais. Combater isto é um imperativo difícil. Ainda assim, à escala europeia, Portugal ainda é uma realidade pouco egoísta. É incómodo respeitarmos a dignidade da pessoa humana no abstrato, mas é muito incómodo despeitarmos a dignidade das pessoas com quem nos cruzamos todos os dias.

Felisbela Lopes abriu o diálogo ao público.

Tomou a palavra o Pe. Miguel Almeida, SJ, que questionou o Presidente da República sobre a sua visão de que o mundo se está a tornar demasiado simples e da forma como isso lhe mete medo (ex: Brexit, Trump, Putin) e lhe faz confusão porque vão numa linha de dualidade: sim ou não, preto ou branco, e a vida não é assim. Refere ainda a falta de verdadeiros líderes mundiais.

Tomou, de seguida, a palavra, José Cerqueira da Costa, que referiu que não falta nada desde que Jesus veio ao mundo, apenas um louco que se dê bem com os loucos do mundo inteiro, como o próprio Jesus Cristo.

O presidente da república começou por responder ao comentário de José Cerqueira Costa, reforçando o que já tinha referido, da importância da atenção aos outros: caridade, amor, amizade fraterna.

Quanto à questão do Pe. Miguel Almeida, SJ, o presidente refletiu: nós vivemos hoje num tempo e num espaço muito diferente de há 20, 30, 40 anos, muito mais global pelas tecnologias da informação e da comunicação, circulamos por todo o mundo em tempo real. Esta aceleração que o digital tornou ainda mais evidente está a transformar estruturas económicas e sociais que existiam e deixam de existir, deslocalizam-se, mudam... e também os comportamentos mudam. Esta transformação a um ritmo muito acelerado acaba por aumentar os excluídos. Todas as revoluções deixam para trás os que não acompanham. Ainda assim, a capacidade de ajustamento da sociedade portuguesa é bastante grande. O somatório de crises, ansiedades, angústias, em relação ao passado e ao futuro levaram, sobretudo em sociedades relativistas, em que não há uma motivação muito clara de valores para encarar a situação crítica enfrentando-a para a superar, o que aparece como mais simples e imediato a ter sucesso. E as pessoas procuram o diferente. O tempo mediático é instantâneo. Isto torna muito mais complexo fazer política. Não diria que os líderes são piores, são diferentes, mas com uma grande consciência de todas estas dificuldades.

Felisbela Lopes passa a palavra ao D. Jorge para uma nota final: reforça o que nos une é a humanidade, e para os católicos, esta união é ainda mais profunda, aceitando Deus

como Pai, nós somos irmãos, com uma maior responsabilidade pela comunidade aberta ao mundo inteiro. Existe o suficiente para todos no mundo, mas há uma desigualdade na distribuição. Sobre cada um de nós há a missão de tornarmos o mundo diferente, mais solidário e humano, onde somos capazes de trabalhar pela igualdade, pela fraternidade. Cada um de nós tem uma missão com aqueles com quem nos encontramos todos os dias, mas também com os que não estamos sempre.

Marcelo acrescenta mais um ponto: o que acha mais importante no cargo de António Guterres é ele ter feito da sua vida uma missão ao serviço dos outros. O diálogo com todos é um diálogo baseado numa experiência de serviço aos outros e isto foi apreendido pelo mundo.

Veja toda a **conferência de abertura: O Que Nos Une a Todos** [aqui](#).

Dia 26 de novembro 2016

O segundo dia do I Fórum Missionário contou com quatro painéis em que os oradores refletiram sobre diferentes temas como: Os refugiados do séc. XXI; Desporto no mundo globalizado; A mulher na sociedade e Comunicação social: convivência entre o local e o global.

Refugiados no séc. XXI

Bernardino Silva, moderador deste painel, fez uma introdução sobre o tema e apresentou os três conferencistas.

Catarina Martins da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) começa por apresentar a instituição, com 70 anos, que começou desde o início a trabalhar com refugiados, com a ajuda de belgas e holandeses na Alemanha. Começaram por ajudar a igreja clandestina de Leste e hoje estão em todo o mundo. Estão presentes em cerca de 140 países e em 2015 apoiaram mais de 6.200 projetos concretos no mundo.

O atual número de refugiados é o maior de sempre: 65.3 milhões de refugiados em 2015 (dados do ACNUR). Olhando para 2014, há um aumento de cerca de 10% do número total de refugiados no mundo. Ouvimos falar na Síria, mas existem refugiados em muitas outras partes do mundo. Dos 65.3 milhões de refugiados, 12.4 milhões são dos novos deslocados por conflitos e perseguições apenas em 2015. A principal origem dos refugiados é a Síria, seguida do Afeganistão e depois a Somália. Existem quatro razões para existirem refugiados: os conflitos militares, as más condições de vida, a perseguição política e a perseguição religiosa. A perseguição religiosa é uma das maiores causas dos refugiados no mundo.

Relativamente à Síria, refere os deslocados internos e os refugiados. Estas pessoas fogem de uma destruição total de um país, em que até 2011 todas as religiões podiam conviver de uma forma pacífica, mas de há quase 6 anos para cá está em guerra. A perseguição religiosa na Síria não é só pelo Autoproclamado Estado Islâmico mas por cerca de 1.000 grupos radicais islâmicos. Só em Aleppo, havia 160.000 cristãos, hoje supõe-se que não haja mais do que 5.000 cristãos. Foi declarado um genocídio para as minorias religiosas, mas a Europa não tem isso em consideração, apenas vê a Síria como números.

Sobre o Iraque, recuando a 2003, as várias religiões viviam pacificamente, apesar do sistema ditatorial, mas atualmente há a perseguição dos cristãos. Em 2014, as casas dos cristãos foram marcadas para serem despejadas, dando três condições: a conversão, o pagamento de um imposto ou o perigo de morrer. Existem 4 milhões de refugiados no Iraque desde 2014 devido aos grupos radicais quererem eliminar outras religiões (que não só os cristãos). Em 2013, havia 1 milhão e meio de cristãos e atualmente há cerca de 200 a 250 mil cristãos. Estas pessoas fogem para campos de refugiados no Líbano, um país pequeno, com 4 milhões de habitantes, que já recebeu cerca de 1 milhão e meio de refugiados. É também aqui que entra a ajuda da AIS, para não permitir que as raízes cristãs sejam destruídas. O objetivo dos refugiados é sempre voltarem às suas terras. Mas enquanto isso não acontece, é importante também que as crianças continuem a ir à escola. No último relatório da AIS, verifica-se que se continuar assim, nos próximos cinco anos não haverá um único cristão no Iraque.

Dois desafios são deixados por Catarina Martins: a oração e a difusão do que se está a passar.

Eugénio da Fonseca, presidente da Cáritas portuguesa, começou por referir a importância dos números, mas de não reduzir as pessoas a números. Em outubro de 2015, os países europeus comprometeram-se a receber e distribuir a partir da Grécia e da Itália cerca de 160 mil refugiados. Houve um compromisso da União Europeia de solidariedade para com estes países, mas até outubro de 2016 foram distribuídos pelos diversos países europeus 7 mil refugiados. A Europa não estava preparada para esta situação. Passou muitos anos a pensar em si mesma e como poderia ser uma potência económica e não está preparada para estas assimetrias. Portugal deu sinais de abertura logo desde início.

Terceiro desafio, a acrescentar aos deixados por Catarina Martins: manter o espírito de abertura ao próximo, perante a dificuldade do outro. Isto tem muito a ver com a nossa identidade cristã. Portugal atualmente disponibiliza-se para receber 4500 refugiados, mas ainda só recebeu 700. A razão é a descoordenação entre os países da Europa no acolhimento aos refugiados: há manifestação política mas há dificuldades na concretização da vinda dos refugiados. As pessoas estão a fugir da morte e há mafias que se aproveitam e fazem tráfico de pessoas em barcos que têm um tempo de duração limitado.

A Cáritas tem aproveitado a campanha *10 milhões de estrelas - um gesto pela paz*, que nos últimos anos 35% é para apoiar os refugiados, o restante é para as dioceses. A Cáritas grega construiu 2 hotéis para fazer a transição dos países de acolhimento, mas infelizmente têm estado mais tempo do que o desejável. A Cáritas fez uma recolha de um contentor de roupa para a Jordânia, que não compensou em termos económicos.

Constituiu-se a PAR - Plataforma de Apoio aos Refugiados, aderiram uma série de organizações, cristãs e não cristãs, que têm de se organizar para acolher famílias, assegurando uma série de serviços. A PAR acolheu 39% das famílias. As restantes foram acompanhadas pelo SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Passando às considerações finais, Eugénio da Fonseca cita o papa Francisco dizendo que “A caridade está no coração do Evangelho”. Refere que não está a ser cumprida a convenção dos países europeus; os refugiados no Líbano continuam a precisar de ajuda humanitária e não querem sair do Líbano porque estão mais próximos da Síria; é necessário promover a paz, reformular a ideia do asilo político, religioso, pela sobrevivência; maior coordenação; evitar populismos.

Conclui fazendo um apelo às famílias portuguesas para se disponibilizarem para acolher famílias de refugiados.

Júlio Santos, professor na Universidade do Minho, refletiu sobre a importância da educação com deslocados internos e refugiados. Deve ser uma educação protetora, oferecer conhecimentos e habilidades que podem salvar vidas, para prevenir desastres e conflitos e apoio psicossocial; com sistemas educativos inclusivos, resilientes e “responsivos” para atender às necessidades de crianças, jovens e adultos em contextos de crise, incluindo deslocados internos e refugiados.

A educação é uma prioridade para: uma disseminação rápida de mensagens (alerta para minas, sensibilização para o HIV); um sentido de normalidade em situação de instabilidade; proteção física para as crianças; reabilitar os serviços de educação - uma melhor experiência do que a que existia antes da emergência e, dependendo da natureza da emergência – inovação curricular com impacto a médio prazo (ex. educação para a paz, formação profissional, educação sensível aos conflitos, etc.).

Cerca de 58 milhões de crianças com idades entre os 6-11 anos e 63 milhões de adolescentes entre os 12-15 anos não têm acesso à educação; 35% dos alunos com idade para frequentar o ensino primário estão fora da escola e vivem em países em conflito ou pós-conflito (21,5 milhões).

Estamos perante uma nova agenda, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o novo compromisso mundial, sendo o ODS 4 dedicado às questões da educação. O ODS 4 refere a importância de “Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem, para todos, ao longo da vida”. O ODS 4 tem 7 metas: a 4.5 refere a igualdade de género focando os mais

vulneráveis e a 4.7. refere a promoção de uma cultura de paz e não-violência, cidadania global, desenvolvimento sustentável.

Referindo um relatório do ACNUR sobre Educação (2016): crianças refugiadas têm cinco vezes mais hipóteses de estarem fora da Escola; 20 anos é duração média para os refugiados no exílio; dos 6 milhões de refugiados com idade para o ensino primário e secundário que estão sob o mandato do ACNUR: 3,7 milhões não têm acesso à educação; 50% têm acesso ao Ensino Básico (comparado com 90% a nível global); 22% dos refugiados adolescentes têm acesso ao ensino pós-básico (84% a nível global); 1% apenas têm acesso ao Ensino Superior (34% a nível global).

Os obstáculos à educação para refugiados são: 86% dos refugiados são acolhidos em países em desenvolvimento; mais de metade das crianças refugiadas que estão fora da escola vivem em sete países: Chade, República Democrática do Congo, Etiópia, Quênia, Líbano, Paquistão e Turquia; muitos países já têm dificuldade em escolarizar os seus próprios alunos – número insuficiente de salas de aula e falta de professores qualificados; muitas crianças não falam a língua de escolarização; interromperam a sua educação em média 3/4 anos – muitos estão fora da idade de escolarização; falta de documentação para matrículas ou para serem elegíveis para avaliação; não existe uma perspetiva de longo prazo – financiamentos de emergência; tradicionalmente, a educação para refugiados não consta dos Planos de Desenvolvimento, nem do Planeamento do Setor Educativo: “As crianças e jovens refugiados não só estão em situação de desvantagem, mas as suas necessidades e sucessos educativos permanecem em grande medida invisíveis”.

Júlio Santos acrescenta um *quarto apelo*: estamos mais atentos à presença dos estudantes e das crianças refugiados no nosso país.

Deve-se focar: educação de qualidade: o ensino primário e educação de infância; a escola com educação de qualidade – “lugar de proteção”; a inclusão: integração de refugiados nos sistemas educativos dos países (informação suficiente sobre vantagens da integração; importância de atividades extracurriculares: cultura e língua do país de origem; professores têm de lidar com turmas mais complexas: apoio para ambiente de aprendizagem seguro, inclusivo e justo); os programas acelerados de educação para refugiados e deslocados que estiveram fora da escola durante vários anos – oportunidades de educação mais flexíveis; as meninas – mais tempo na escola! Acesso ao ensino secundário; o Ensino Superior – uma prioridade – Um em cada 100!

Deve-se seguir o currículo do país de acolhimento: abre caminho para os refugiados terem acesso às escolas dos países; acesso a exames e a certificação acreditada; qualidade – acesso a materiais, professores qualificados, formação de professores; monitorização e supervisão pelo MED para melhor prestação de contas; acesso a níveis superiores de educação; oportunidade para inclusão social com as comunidades de acolhimento; investimento sustentável na melhoria das capacidades nacionais;

aumento da *accountability* dos estados para apoiar a educação para refugiados; possibilidade para aceder a fundos de desenvolvimento.

Relativamente aos desafios da educação de refugiados: sensação de perda da língua do país de origem e da identidade cultural e religiosa; perda da literacia na língua do país de origem pode afetar educação/emprego aquando do repatriamento; a língua pode ser uma barreira para uma transição com sucesso para um novo meio de instrução/escolarização; discriminação e *bullying* nas escolas nas comunidades de acolhimento; investimento substancial e planeamento necessários para assegurar uma transição com sucesso para o novo currículo.

Resumindo em números: só um em cada 2 refugiados com idade para o ensino primário tem acesso à educação; só 1 em cada 4 refugiados com idade para o ensino secundário tem acesso à educação; só 1 em cada 100 refugiados tem acesso ao ensino superior ou a outra formação de nível pós-secundário; 3.2 milhões de crianças e adolescentes refugiados em idade escolar estão fora da escola.

Refere também a INEE - Rede Interinstitucional para a Educação em situações de Emergência.

O painel contou também com o testemunho de **Mariam Eissa**, estudante síria, de Damasco, a fazer um doutoramento em arquitetura na universidade do Minho, que reconhece ser uma privilegiada por poder estudar no ensino superior, uma vez que apenas 1% dos estudantes sírios têm a oportunidade de estudar no ensino superior. Recorda quando estava a estudar a licenciatura na Síria e começou a guerra, muitos estudantes tiveram de deixar de estudar para ter dinheiro para alimentar as famílias. Embora Damasco fosse relativamente seguro, a opção dos campos de refugiados era difícil. Para muitas famílias, o facto de os filhos deixarem de estudar era o apagar da última esperança. A possibilidade de continuar a estudar no estrangeiro é uma forma de reacender uma esperança de construir o futuro da Síria. Mariam escolheu estudar arquitetura, focada em reabilitação urbana, para reconstruir o seu país quando a guerra terminar.

Veja o painel **Refugiados no séc. XXI** [aqui](#).

Desporto no mundo globalizado

Marta Vilas Boas introduziu o painel, contextualizando o desporto no mundo globalizado e apresentando os oradores convidados.

Manuel Mendes, do Vitória Sport Clube, deu o seu testemunho, como atleta de Maratona dos Jogos Paraolímpicos que ganhou a medalha de Bronze no Rio de Janeiro.

Iniciou o atletismo há 20 anos atrás, mas nos últimos 3 anos houve a possibilidade de ingressar nos Jogos Paraolímpicos: depois de correr a maratona do Porto, informaram-no que tinha feito os mínimos e começou a treinar com o Ricardo Ribas para a

competição. Foi ao Campeonato do Mundo a Londres, onde ficou em 4º lugar, que lhe deu acesso a participar nos Jogos Paraolímpicos. Acabou por se dedicar a tempo inteiro ao atletismo. A classe T46 dos Jogos Paraolímpicos está relacionada com os membros superiores amputados. Cada classe corresponde a uma incapacidade. Apesar de agora ser um percurso muito interessante, nem sempre foi assim.

Aos 9 anos perdeu o braço esquerdo na sequência de um acidente, seguindo-se 6 ou 7 anos de alguma dificuldade: complexos, barreiras, discriminação e pouco apoio. O que está a acontecer agora é possível porque venceu a parte difícil. A dedicação, o trabalho e o apoio de muita gente tornaram possíveis várias conquistas.

Pedro Bezerra, professor do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, começa por dizer que a sua área profissional e emocional é o desporto, mais concretamente o futebol. Há questões básicas que têm de ser resolvidas, que ultrapassam o desporto. Refere que na sua experiência profissional e emocional, esteve em ambientes tão diversos como uma final da taça de Portugal de futebol, ou um ambiente tão remoto de Angola como era o Bocoio ou em Cacheu, na Guiné-Bissau, e o ponto comum era o desporto, no caso concreto o futebol.

Qualquer pessoa pratica desporto, há barreiras mas são superáveis: no Bocoio tinha 70 miúdos, mas o ponto comum era a bola. No mês passado, no Taiwan, tinha um intérprete para a parte teórica, mas quando chegou à parte prática, não precisou de intérprete para mais nada. A linguagem era a bola.

Referiu a dualidade entre a complexidade e simplicidade de praticar desporto. No desporto, a diferença prima pela igualdade de oportunidades, independentemente das nossas características, já que o contexto é o mesmo, e pela linguagem comum. No contexto desportivo há regras que nos unem e todas elas contribuem para um objetivo. O desporto é uma corrente contínua inesgotável. No desporto há estrelas mas também há igualdade. É a bola que nos une. Cada pessoa tem os seus rituais que todos respeitam em prole do bem comum.

Em desporto, existem vários canais de comunicação para comunicar e contra-comunicar, informais e universais porque, consciente ou inconscientemente, temos de interpretar o jogo, os colegas e os adversários. É a linguagem corporal. No contexto de um jogo coletivo, cada jogador tem de comunicar com os colegas, saber interpretar as atitudes dos colegas e dos adversários e contra-comunicar com os adversários. Há um espaço que tem de ser respeitado. Há ainda canais de comunicação entre os jogadores e o público. Tudo isto interfere de forma positiva.

Numa equipa, os jogadores têm vidas diferentes, podem vir de países diferentes com hábitos e religiões diferentes, não interessa os países, os conflitos, o racismo, as religiões, porque as diferenças são superadas pelo objetivo comum que têm e pelo canal de comunicação comum que é a bola. As leis são universais.

O desporto pode ser um meio muito forte para promover a união e a cooperação entre as pessoas e eliminar as diferenças. Todos os conflitos ficam fora do jogo. Quem trabalha em equipa está mais perto do sucesso. Não existem campeões sozinhos, mesmo nos desportos individuais. Os sucessos são também uma construção, com muito trabalho, e os desportos coletivos ajudam a compreender, respeitar e cooperar com o próximo.

Conclui com a música “Sonho Meu” da Maria Betânia, dizendo que o desporto pode comandar alguns sonhos, em cada contexto!

Marta Vilas Boas refere “O sonho missionário de chegar a todos” do Papa Francisco, e questiona os oradores sobre o que é que nós temos a aprender com o desporto para as nossas vidas, com a dificuldade que as pessoas têm de lidar com a diferença, para esta união. Pedro Bezerra refere que o desporto é um fenómeno complexo, mas também é simples. Tem um ganhar, que não é a todo o custo, há um objetivo coletivo. Trabalhar em equipa é contribuir para mais tarde ter uma coisa melhor, por exemplo, é o sonho de qualquer miúdo ser como o Cristiano Ronaldo. Se houver um espírito coletivo, é muito mais fácil atingir um objetivo. Isto constrói-se, não nasce de um dia para o outro. As crianças, no início, querem a bola só para elas, mas quando percebem que não conseguem jogar sozinhas, começam a cooperar. Na formação de um indivíduo, a parte do desporto ajuda a pessoa a compreender o próximo e a respeitar o adversário. Isto também é educação, não formal. Manuel Mendes acrescenta com o provérbio “sozinho posso ir mais rápido, acompanhado posso ir mais longe” e referindo que o seu projeto envolve muita gente, desde a família ao treinador, o carinho dos vimaranenses e dos vitorianos. Confessou que quando correu os 25 km, fê-lo a pensar nos vimaranenses. Pedro Bezerra acrescenta que a isto se chama construir algo comum.

Uma pessoa do público começou por agradecer aos oradores a simplicidade sofisticada e a assertividade das comunicações. Dirige-se ao Manuel Mendes, dizendo que na vida é preciso estar no sítio certo, à hora certa, com a pessoa certa. Gostaria de saber, no seu interior, qual foi a razão para o seu sucesso: a teimosia, a tenacidade, a resiliência, a vontade de vencer, a família, os valores... a quem entregaria os louros da sua vitória? Manuel Mendes diz que não consegue pensar só numa pessoa, todas as pessoas foram importantes. Recorda que quando teve o acidente, os pais, pessoas simples, acharam que ele iria ser um desgraçado toda a vida, ele sentia que era a grande preocupação dos seus pais. Um dia decidiu fazer o almoço para a família, quando estava sozinho em casa. Conseguiu fazê-lo e toda a gente apreciou, principalmente por pensarem que ele, sabendo cozinhar, seria independente. Foi a partir daí que compreendeu que teria de ser independente. Pedro Bezerra refere que o papel do treinador é potenciar as características de cada um, para que elas se manifestem em harmonia com os outros. Não é tarefa fácil! Por exemplo, no Bocoio, o professor tinha cerca de 70 alunos, dos 10 aos 18 anos, ali à espera que o professor diga o que é que eles têm de fazer. No

desporto, toda a gente contribui para potenciar a equipa. Este espírito cultiva-se desde pequeninos.

André dirige uma pergunta ao Pedro Bezerra, sobre o desporto em termos coletivos. Tendo em conta a comunicação e a formação do espírito de balneário, e percebendo essa simbologia, no balneário forma-se uma equipa que depois joga no campo. Transpondo isso para uma comunidade ou uma paróquia ou uma diocese, que aportamentos, em termos de comunicação, de relação, de responsabilidade, de junção para um objetivo comum, que é de saída, é que se poderiam fazer? Pedro Bezerra refere que a resposta não é muito fácil, é uma coisa que se vai contruindo, de acordo com as sensibilidades. Aquilo que é um facto é que há uma série de características individuais que são respeitadas, mas ficam fora daquele contexto. Numa equipa, ninguém é discriminado por ser de uma religião diferente. Agora, ele sabe que pode ter as suas crenças dentro de um certo contexto, mas não pode exaltar essa prática religiosa ou cultural em detrimento do espírito de grupo. Pondo isso numa paróquia, possivelmente terá de passar por aí, para congregar aquela comunidade, não se pode exaltar só aquele tipo de religião, pode haver outras religiões que podem congregam ali. A título de exemplo, referiu uma paróquia de Florença, onde viveu 3 anos e meio, que congregava, através de várias atividades, pessoas de diferentes confissões religiosas, que comungavam dos mesmos valores.

Veja o painel ***Desporto no mundo globalizado*** [aqui](#).

A mulher na sociedade

João Pedro Chantre, moderador do painel “A mulher na sociedade”, apresentou as três conferencistas.

Elizabeth Challinor, antropóloga do CRIA, começou por dizer que iria fazer a divisão da sua comunicação em três partes: primeiro, clarificar alguns conceitos aplicados quando falamos da mulher; segundo, no contexto da antropologia do desenvolvimento, falar sobre a mulher na sociedade, partindo das teorias do desenvolvimento, e terceiro, acerca da sua pesquisa sobre mulheres estudantes mães cabo-verdianas no norte de Portugal.

No primeiro ponto, começou por esclarecer sobre a diferença entre o sexo e o género. Clarificou estes dois conceitos dando exemplos do quotidiano, em que se podem confundir. Num balneário, por exemplo, o correto é dizer sexo e não género, pois o sexo refere-se ao corpo biológico. O género refere-se às interpretações culturais de diferenças biológicas e estas interpretações culturais produzem papéis sociais diferenciados e atributos diferenciados para os sexos. Pode-se falar em características de sexo e características de género. Para dar um exemplo de características de género, pode-se dizer “em várias partes do mundo as mulheres ganham menos do que os homens”. Isto é, sobretudo, uma característica de desigualdade de género que se pode

descrever como discriminação baseada no sexo da pessoa. A oradora distinguiu os conceitos de igualdade e equidade. As diferenças também são importantes, não somente entre homens e mulheres mas também entre diferentes categorias de homens e mulheres para que haja igualdade, e a equidade é isso mesmo, o reconhecimento da diversidade sem que isso proporcione motivo para a discriminação.

No segundo ponto, Elizabeth fez uma pequena descrição do papel da mulher na sociedade, com base na teoria do desenvolvimento. Antigamente às mulheres eram apenas reconhecidas as suas capacidades como mães e donas de casa. As políticas e os projetos no Sul ignoravam completamente o papel das mulheres. Elas eram só abordadas para temas como nutrição, economia doméstica e saúde materno-infantil. Em 1970 foi publicado um livro chamado “O papel das mulheres no desenvolvimento económico” e este livro alertou para o papel muito importante que as mulheres tinham na produção. A autora dizia que os Governos e os doadores tinham deixado de lado as mulheres. Este livro teve uma influência enorme e serviu para que houvesse, até 1995, a primeira década para o desenvolvimento das mulheres. Embora a mulher tenha sido descoberta e a sua importância tenha vindo ‘ao de cima’, o seu papel continuava no domínio doméstico. Os projetos de microcrédito tinham de ser compatíveis com as suas tarefas domésticas. Depois, as políticas evoluíram e as mulheres começaram a ser vistas como agentes de desenvolvimento com direito próprio. No entanto, era pouco porque o desenvolvimento era visto como o progresso económico e o que estava na base deste enfoque sobre a mulher era a noção de uma racionalidade comum entre os homens e as mulheres, mas isto criava a falsa ideia de que partilhavam os mesmos interesses e não havia nada nas políticas sobre a maneira como a responsabilidade das mulheres pelo trabalho reprodutivo podia afetar a sua capacidade para atuar no mercado, ou seja, não se olhava para a relação entre homem e mulher, o problema e a solução era uma atenção especial à mulher. Aqui entra a importância do conceito de género, que alarga para interligações mais vastas através das quais as mulheres são posicionadas como um grupo subordinado na divisão dos recursos e responsabilidades, atributos e capacidades, poder e privilégio, e foi a partir daqui que o enfoque começou a ser no género e desenvolvimento e não tanto na mulher e desenvolvimento. A análise das relações sociais de género demonstra como as regras e as práticas sociais através das quais as relações são construídas constituem uma interpretação muito seletiva do corpo humano, suprime as similaridades naturais e exacerba as diferenças, para que o masculino e o feminino sejam socialmente construídos como categorias mutuamente exclusivas, o que leva a concluir que os homens e as mulheres são naturalmente feitos para certos tipos de atividades. Para distinguirmos a mulher e o género, podemos distinguir entre a condição e a posição da mulher. O primeiro é o estado material em que a mulher se encontra e o segundo é o seu posicionamento em relação aos homens. Podemos também distinguir um interesse prático, de preocupação com as necessidades imediatas, no sentido de

melhorar a condição da mulher mas sem provocar nenhuma transformação, e um interesse estratégico, tentando contribuir para as transformações, por exemplo, colocar uma creche perto do trabalho que não o da mulher, para compartilhar responsabilidades. A questão de género está sempre interlaçada com questões de desigualdade como classe e raça.

No terceiro ponto, Elizabeth referiu a sua pesquisa sobre experiências de gravidez e maternidade das jovens mulheres estudantes cabo-verdianas no norte de Portugal. Quando começou a sua pesquisa no hospital, havia uma ideia de que a mulher cabo-verdiana não tinha de ser tratada de uma forma diferente da mulher portuguesa porque somos todos iguais. Aqui entra a questão de igualdade e de equidade, que pode surgir devido a diferenças étnicas e culturais. Começou em abril de 2008, a contactar jovens mães da comunidade estudantil cabo-verdiana e a entrevistá-las sobre as suas experiências de maternidade. Muitas eram provenientes do interior de Cabo Verde e havia vários desafios para elas. Eram alunas de escolas profissionais e estavam a chegar a um país estrangeiro pela primeira vez, sem alojamento garantido e com bastantes dificuldades financeiras. Além da adaptação ao contexto sociocultural, tinham de tratar de outras questões como inscrição no centro de saúde, renovação dos vistos, procura de trabalho para aumentar os rendimentos, como lidar com a liberdade sexual. Neste contexto, a gravidez inesperada tornava-se um grande desafio. As principais barreiras a ultrapassar incluíam: avançar ou não com a gravidez, assegurar o apoio financeiro e emocional da família e dos pais dos bebés, resolver a questão da paternidade quando os pais a contestavam, informar-se como prevenir outra gravidez, aprender a lidar com o sistema de saúde português, resolver como cuidar dos bebés face às informações contraditórias que recebiam, encontrar alojamento adequado, enfim, imensos desafios. Nas consultas que acompanhou com as jovens mães, as diferenças culturais relativas à maternidade davam aso a más interpretações por parte dos médicos: não havia uma integração das diferenças socioculturais, o que fazia com que estas fossem vistas como anomalias. Neste contexto o cuidar pode ser entendido de forma diferente. Falar com o olhar, por exemplo, constitui um canal interativo privilegiado para as mães ocidentais cuidarem dos seus bebés. Em algumas culturas africanas e asiáticas não se fala tanto, o tocar e carregar o bebé nas costas é muito mais valorizado do que falar com o bebé. Em algumas consultas, o pessoal da saúde considerava que as mães não estavam a estimular o suficiente os seus bebés e isto era interpretado como uma falta de interesse do seu bebé, o que não é verdade. Aqui entra novamente os conceitos de igualdade e equidade. Havia também uma grande preocupação com o atraso na linguagem dos bebés, mas estes estavam a ser criados bilingues, português e crioulo. Segundo uma antropóloga, o índice de desenvolvimento dos bebés pode ser questionado à luz das capacidades cognitivas e sociais que são feitas apenas em crianças europeias e euro-americanas.

Termina com a ideia de que falar de “mães solteiras emigrantes cabo-verdianas” parece um rótulo que se coloca nas pessoas. As entrevistas revelam um sentimento de desamparo mas também uma sensação de satisfação por se empenharem nos seus papéis de mãe, ganhando mais autonomia e maturidade. Estes sentimentos de impotência e empoderamento pessoal vão e vêm, como um pêndulo. Se não fosse pesquisadora, não tinha contacto com a profundidade desta ligação e importância da maternidade para estas mães.

Sheila Khan, professora da Universidade do Minho, falou das mulheres da sua família e de que forma marcaram a sua forma de pensar e agir.

Começou por agradecer o convite e por confessar que achou que o seu conhecimento como investigadora não iria ser importante e criar mudanças. Achou que seria mais honesto da sua parte sair da sua zona de conforto, e não fazer um discurso sociológico, politicamente e academicamente correto.

Para falar da condição da mulher, é preciso passar pela sua pele, e quando isto acontece, passa-se pela memória, pelas nossas memórias, pelas vivências que nos acompanharam. Sheila refere que na sua existência não está sozinha, tem uma série de mulheres que não são visíveis, que estão na sua cabeça e no seu coração e é sobre elas que vai falar, com alguns cuidados.

Declara que não é feminista, aprendeu a ser mulher, ensinaram-na a ser mulher. Gosta muito de ser mulher, umas vezes com dificuldades, quando tem de encarar preconceitos, estereótipos e estigmas. Então vira uma mulher leoa. Outras vezes tem de acalmar, sossegar e colocar-se no lugar do outro. Foi construindo a ideia de que ser mulher não é uma entidade culturalmente e socialmente sacrificada. Isso é encostarmo-nos a um muro de conforto. Foi educada por várias mulheres que não vão aparecer na história da humanidade, mas são para si grandes mulheres. Primeiro porque a ensinaram a saber e ter coragem de amar. Porque nos tempos difíceis que correm (a vitória do Trump vai-nos obrigar a olhar para a história e a rescrever a história e a ver o mundo de outra maneira) é muito importante o saber amar. Estas mulheres ensinaram-na também a pensar com autonomia, que não é uma coisa fácil, porque somos educados a pensar sempre no que o outro vai pensar, portanto é um grande desafio pensar com autonomia e sem medo do nosso pensamento. A terceira coisa que estas mulheres lhe ensinaram foi a partilhar.

Reforça que não é feminista, mas que é mulher, porque foi criada por grandes mulheres do mundo inteiro: uma mulher goesa católica, que teve de abrir mão da sua religião e das suas crenças para casar com um muçulmano, em Moçambique, durante o tempo colonial; tem outras mulheres brancas, europeias, ocidentais, que têm em si uma cultura muito mais liberal, moderna, muito marcadas pelo famoso maio de 1968; tem ainda outras mulheres indianas, muito viradas para a tradição, para a proteção da

família de acordo com os valores. Portanto tem estas mulheres todas dentro de si e depois tem a sua mulher, que resulta destas mulheres todas.

Acontece que a condição da mulher passa, acima de tudo, por não terem medo de encarar o mundo, porque o mundo está cheio de desigualdades e desequilíbrios, e por mais que se tente lutar contra estes desequilíbrios e por uma autonomia feminina e uma grande emancipação da mulher, ainda há um caminho enorme a fazer. O lado feliz da condição da mulher é que há 100 anos não estaria aqui, hoje também estão aqui as três, porque a humanidade é feita de diferentes géneros e diferentes sexos. Mas a condição da mulher, olhando para o lado feliz, é que elas pensam, decidem, refletem e provocam interrogações e fazem com que as pessoas queiram escutá-las. O lado feliz foi a mulher ter quebrado o silêncio.

Esta semana, uma mulher da sua vida falava chocada sobre a Turquia e a liberação do crime de violação, se o violador casar com a vítima. A verdade é que em Portugal, há umas décadas atrás, havia este tipo de situação, mas a questão é que as pessoas se esquecem e a memória histórica é muito débil, frágil e seletiva. Então, a condição da mulher passa também por ter consciência histórica, passa por ter e valorizar a memória, e pensar não só no lado negativo, da escuridão, do caos, do esquecimento, mas também no lado das vitórias.

As mulheres que atravessam o seu quotidiano são mulheres ativas, que trabalham, que pensam, que se interrogam, que interrogam o outro, e essa condição da mulher dá-lhe sempre lições de aprendizagem, de alguém que quer andar para a frente. Podemos não ter fortunas e mansões, mas temos a capacidade de pensar, de interrogar a realidade, e dizer concordo ou discordo.

Para terminar, faz homenagem à sua grande mulher, que hoje tem 97 anos, e que muitas vezes não se lembra do que almoçou ontem, mas constantemente dá lições de dignidade, democracia, igualdade. Todas estas nossas vontades, em termos de condição humana, não podem partir apenas desta ideia de sociedade, de organizações políticas, sociais e culturais, nas quais nós estamos completamente hibernados, tem de partir também de cada um de nós. E olha para ela e pensa: ela é o seu melhor compêndio de história, de cidadania, de memória e de consciência histórica. Ela é uma herança. A condição da mulher é sentirmos, respeitarmos e, acima de tudo, preservarmos sempre todos estes patrimónios que nós temos mesmo ao nosso lado.

Shahd Wadi, da embaixada da Palestina, falou da diversidade de mulheres palestinianas e dos problemas vividos pelos palestinianos.

Começa por querer responder à pergunta “O que nos une a todos?” e refere que a Palestina, ainda que longe, pode unir-nos a todos e a todas, porque a liberdade é algo que, de facto, nos une. Afirma que é feminista, porque não é só uma mulher, é também um homem, é muitas possibilidades, é também palestiniana e tem muitas liberdades pelas quais quer lutar. Este seu feminismo passa pela sua história de vida

que gostaria de partilhar: não começou quando nasceu, mas em 1948, ano em que a Palestina foi ocupada. A sua família é de uma vila que foi ocupada em 1948 e que hoje está completamente apagada do mapa, já não existe, pois pertence a Israel. A sua família foi expulsa pensando que era por pouco tempo, mas nunca mais voltou. Hoje tem nacionalidade portuguesa, mas não pode ir à vila dos seus avós. Tem a sorte de poder conhecer a Palestina, mas o pai já nasceu num campo de refugiados, em Ramala, em 1949 (a avó fez o caminho para o campo de refugiados já grávida do seu pai, o que a faz ter uma ligação forte à Palestina). Teve a sorte de conhecer a Palestina porque em 1993, após os acordos de Oslo, alguns palestinianos puderam voltar à Palestina, não às suas terras de origem, mas a Cisjordânia, à Ramala, a outra parte da Palestina. Estes acordos de Oslo não deram a liberdade aos palestinianos, Israel continuou a controlar, e não permitiu que todos os membros da família voltassem. O seu irmão foi sempre excluído das visitas à Palestina. Nestas visitas, conseguiu ver ao longe a montanha onde ficava a sua vila, e foi nesse momento que se tornou palestinianiana. Foi nessa visita que também se tornou feminista, porque a história da Palestina aconteceu através do seu corpo e através da história da sua família e das mulheres da sua família também.

Pergunta-se o que vem à cabeça quando se fala de mulher palestinianiana, e o que vem é uma mulher terrorista ou vítima, com véu, espancada, oprimida. Para falar de histórias positivas, as mulheres palestinianas sofrem de uma sociedade sexista, como em Portugal também sofreram, mas existem mulheres palestinianas embaixadoras, juízas, houve uma mulher que concorreu à presidência, desportistas, cantoras, poetas, políticas, fotógrafas... mulheres cristãs, muçulmanas, com véu, sem véu, ... mas há esta tendência de ver as mulheres palestinianas como oprimidas, e nem toda a sociedade é machista, homofóbica e anti-cristã, como tentam fazer passar para justificar a guerra. A Palestina tem todas as religiões, não é anti-cristã. Na altura, 35% dos cristãos foram obrigados ao exílio, por causa da ocupação, e não por causa do fundamentalismo islâmico. Por exemplo, tem uma amiga palestinianiana católica praticante, a quem estão sempre a perguntar quando se converteu, e ela responde que Jesus nasceu na sua terra, em Belém.

Nem todas as mulheres palestinianas com véu são mulheres oprimidas (obviamente que algumas são), usam véu quando querem. Muitas mulheres dão à luz no check-point, na cidade de Hebron, porque os soldados não as deixam passar para o hospital. Há muitas organizações ligadas à Igreja que fazem um trabalho muito bom com a população, como acompanhar as crianças para a escola, passando em zonas fantasma, em que mesmo as pessoas das organizações são atacadas. Falou também no desequilíbrio na distribuição de recursos, como a água, e no lixo que é mandado para o mercado palestiniano. Há um muro que divide a cidade, inclusive no cemitério.

As mulheres têm um papel importante, não só na sua liberdade, como na liberdade da ocupação. A maior parte das mulheres na Palestina fazem parte do movimento de

boicote e desinvestimento de sanções a Israel até que este cumpra a Lei Internacional. Há um documento, *Kairos*, que chama todas as Igrejas do mundo a ajudar a Palestina a conseguir a liberdade. Termina dizendo que espera a liberdade e a união numa Palestina livre.

Sheila Khan apresenta no Ipsilon, suplemento do jornal Público, a entrevista da Isabel Figueiredo, que escreveu recentemente o romance “A gorda”. No romance, a personagem dialoga com o pai que já morreu. Sheila refere que também entra em diálogo com as suas memórias e entra em conflito com elas.

José Cerqueira da Costa questiona Shaad quem é Jesus para a Palestina. Shaad diz que é uma importante personalidade histórica.

Pedro Pinto fala sobre a dura realidade na faixa de Gaza e dos cristãos perseguidos, que precisa de ser falada e lembrada. Shaad reforça a importância de as pessoas ficarem na sua terra a viverem a sua vida.

Gabriela Poças, médica de família, refere que gostou muito da comunicação da Elizabeth Challinor, que nunca tinha pensado em alguns aspetos referidos, e gostaria de saber o que recomenda para que os profissionais de saúde possam aprender a equidade e não pensar tanto na igualdade. Elizabeth refere que há uma antropóloga psiquiatra francesa, Marie Rose Moreau, que tem um trabalho sobre consultas transculturais. Uma das coisas que lhe têm chamado a atenção é se não será também um problema de classe e se mulheres portuguesas trabalhadoras não têm, não estes mas outros problemas semelhantes. Esta psiquiatra sugere que haja uma sala de convívio, para partilhar conversas em que a autoridade desapareça e as pessoas se conheçam sem preconceitos. Nas consultas transculturais, trabalha-se com psicólogos, médicos, assistentes sociais. Na sua pesquisa, não conseguiu autorização para entrevistar médicos e enfermeiras, mas podia acompanhar as mães. Houve um caso muito interessante de uma médica que queria colocar um implante hormonal numa destas jovens e ambas ficaram ofendidas, a jovem por a médica querer opinar sobre a sua vida, e a médica por achar que aquilo era o melhor para a jovem.

Veja o painel ***A mulher na sociedade*** [aqui](#).

Comunicação social: convivência entre o local e o global

Pe. Tiago Freitas, moderador do painel “Comunicação social: convivência entre o local e o global” iniciou com a apresentação dos conferencistas.

Paulo Moura, jornalista do Público, falou sobre a sua experiência como correspondente em contextos de conflito. Começou por dizer que o papel da comunicação social é precisamente unir-nos, mais até do que informar, assim como a importância da religião em ligar as pessoas.

Costuma perguntar aos alunos do 1º ano da licenciatura em jornalismo “o que é um jornalista?”, e conclui que não há nada que o jornalista faz que os outros não saibam fazer melhor. Ele questiona se o jornalismo, de facto, serve para alguma coisa, quando a informação está em todo o lado? Qualquer pessoa tem um smartphone, pode ter um blogue...

Hoje em dia, o que distingue uma informação dada por um jornalista de uma informação dada por uma pessoa qualquer é que a informação dada pelo jornalista é a única que não corresponde a nenhum interesse: é honesta, independente, neutra; todas as outras têm sempre uma razão por trás. Um jornalista escreve apenas em função dos seus leitores. Claro que também tem de saber escrever, tem de ser especialista, tem de saber fazer investigação. O jornalismo independente é uma coisa recente, nem um século terá, e é algo que não existe na maior parte do mundo porque exige algumas condições: regime político com alguma liberdade, ter algum grau de prosperidade económica... Quando isto existe, de facto a comunicação social pode ter este papel de unir as pessoas: há uma verdade!

Neste sentido, a comunicação social é algo que existe desde há muitos anos: a fogueira de partilha de histórias e de informações que mantem as comunidades unidas. A Televisão tem esse papel atualmente.

Depois deu um exemplo, vivido por ele, de como a comunicação social pode ser um forte elemento de união das pessoas: quando aconteceram, em 2011, as primaveras árabes, na cidade do Cairo, na praça Tahrir, houve uma manifestação permanente que foi iniciada pela juventude, que contestava a ditadura e a falta de liberdade e de acesso às coisas. Estiveram lá durante várias semanas e realmente conseguiram derrubar o regime. Eram umas largas centenas de milhares de pessoas. Aquele acontecimento uniu as pessoas porque a comunicação social estava lá, era como se fosse uma praça do mundo. Ele decidiu sair e ir ver outros bairros: um bairro rico e chique, em que as pessoas iam à praça como se fosse um acontecimento social, mas também visitou um bairro pobre, a 20 minutos a pé do centro da cidade. Perguntou a várias pessoas o que achavam da revolução que estava a acontecer, mas as pessoas não sabiam o que estava a acontecer! A comunicação social egípcia não estava a dar aquela informação, logo as pessoas não sabiam... é por isso que depois, quando houve eleições, ganhou um partido fundamentalista islâmico.

Logo a seguir foi para a Líbia, onde houve um processo semelhante, os jovens tentavam derrubar o regime ditatorial de Kadafi, mas aqui não correu tão bem porque as forças do regime pegaram no exército, combateram e esmagaram a revolta dos jovens. Alguns destes jovens atacaram os quartéis, roubaram armas e começou uma guerra civil destes rebeldes contra o regime. Ele esteve a acompanhar os rebeldes (acontece frequentemente que o jornalista só consegue acompanhar uma das fações e não nas duas ao mesmo tempo). Uma altura estava em Ras Lanuf, uma cidade que os rebeldes tinham conquistado, mas as forças do regime estavam a ganhar terreno e

estavam na eminência de voltar a atacar a cidade. Esteve na frente de combate, mas depois foi para a cidade, para um hospital, onde estavam a chegar os feridos da linha da frente do combate. Isto ainda antes de haver uma intervenção internacional, quando os rebeldes queriam mostrar ao mundo que estavam a ser vítimas. Assim, mostravam aos jornalistas as coisas mais horríveis, para eles mostrarem ao mundo. A dada altura, começaram a dizer que as forças do Kadafi estavam a avançar, a 3 horas da cidade e iriam arrasar a cidade. As pessoas tinham de fugir, mas os médicos não podiam porque o hospital estava cheio de feridos. A certa altura, quando os disseram que as tropas estariam a 10 minutos, os médicos chamaram os 7/8 jornalistas para uma conferência de imprensa. Os médicos então pediram para os jornalistas ficarem com eles no hospital porque achavam que a única maneira de sobreviverem era ter jornalistas por perto. Os jornalistas iam servir como escudos humanos porque iam comunicar ao mundo. Eles sentiam que sem os jornalistas estavam todos mortos. Pedido desesperado e louco, completamente irrealista. Um dos jornalistas mais lúcidos disse para irem embora. Saíram e até hoje não sabe o que aconteceu àquele hospital.

Resumindo, as pessoas vêem os jornalistas como aliados, como forma de não estarem sozinhos, de terem o mundo com eles, de serem compreendidos, da sua causa chegar aos outros e o pior não acontecer, ou seja, quando os jornalistas não estão presentes, de facto acontece o pior.

Hoje sente que o papel da comunicação social está em risco porque os jornais não podem enviar os jornalistas. A comunicação não está em risco, devido às redes sociais, mas as redes sociais, apesar de dar a possibilidade a toda a gente de ser emissor e não apenas recetor, não une as pessoas, mas divide-as em grupos que só leem as coisas do seu próprio grupo, havendo a proliferação da mentira.

Patrícia Pedrosa, da Shoebox Prod, refere o espaço nas redes sociais para a divulgação de projetos positivos, como uma mais-valia. Espera, por isso, dar uma visão mais positiva das redes sociais. Começa por passar uma parte do documentário que fez no âmbito do seu mestrado de antropologia, em Manchester. Relação entre a comunicação e a missão: levar uma mensagem, ainda que sejam mensagens diferentes. Levar uma mensagem no século XV era complicado, em 1992 foi mais fácil, e hoje em dia, com as redes sociais, é ainda mais fácil.

Vai-se centrar no meio de comunicar, ou seja, nas redes sociais. Para comunicar esta mensagem, como é que fazemos chegar o discurso a algum lado? Dá o exemplo da campanha em que está a trabalhar: *“Change for the planet, care for the people”*, promovida pela FEC, em parceria com a CIDSE (rede europeia de ONG católicas). Esta campanha tem uma mensagem, uma ideia que se quer exportar e promover: o cuidar da “casa comum”, da carta encíclica “*Laudato Si*” do Papa Francisco. Engloba as questões ambientais mas também as questões da economia social, desenvolvimento sustentável. No global, existem 7 organizações europeias que divulgam as histórias de vida no Facebook, Twitter, Google, para promover modos de vida mais sustentáveis

para um planeta mais sustentável. Para além de se passar a mensagem, também se promove produtos e estilos de vida saudáveis, com uma rede de informação que vai passando e que só se consegue através das redes sociais.

Como é que nós sabemos a quem é que chega esta informação e qual é o impacto desta comunicação? Ela chega ou não às pessoas? Só aos grupos fechados ou conseguem chegar a outras pessoas? É tudo muito novo, por isso é difícil avaliar a quantas pessoas chega a informação, assim como é difícil perceber a quem é que a mensagem passa. De onde é que vêm os *feedbacks*? As redes sociais são muito recentes (cerca de 10 anos) por isso ainda não conseguimos medir o impacto do que é colocado.

Os filmes que estão na internet continuam a ser vistos e daqui a 4 ou 5 anos, alguém noutra parte do mundo vai ter acesso a esta mensagem, com um impacto longo. Refletindo sobre as mentiras que passam nas redes sociais, e pegando no caso das eleições de Donald Trump, o que se falava era que ele venceu as eleições através das comunicações que fez no Twitter e no Facebook, ou seja, ele sabe comunicar através das redes sociais, coisa que Hilary Clinton não conseguiu fazer, mesmo tendo o apoio das grandes revistas norte americanas. As próprias sondagens foram enganadas pelas redes sociais. Os comentadores franceses, sobre a vitória do Donald Trump, diziam que existem estudos que constataam que a piada fácil, a asneira e a mentira, percorre e flui muito mais rapidamente nas redes sociais do que a ideia mais abstrata, que nos faz pensar. É mais fácil partilharmos uma piada do que parar para lermos alguma coisa, que é mais séria ou que tem um conteúdo que nos faz pensar. É mais fácil a piada ser viral.

Como fazer então para que os nossos conteúdos sejam visualizados, tenham interesse, cheguem às pessoas? A linguagem é fundamental. A linguagem que for usada irá fazer a diferença: poderá ser uma linguagem universal, como a música, a matemática, que chega a todos, e a linguagem audiovisual é uma linguagem universal importante. Toda a gente vai entender. É algo que não estávamos habituados a utilizar, é uma coisa muito nova, muito recente.

Como é que interpretamos o audiovisual? Que tradução é que tem? A antropologia visual e a antropologia dos sentidos: nesta relação e interação dos seres humanos, nós comunicamos com todos os sentidos e recebemos com todos os sentidos, é um complemento à linguagem verbal. Em jeito de exemplo, apresentou um trabalho de investigação do prof. Andrew Irving, diretor do *Granada Centre for Visual Anthropology*, sobre uma senhora em Nova Iorque: primeiro lê-se apenas um texto, depois ouve-se o que está escrito no texto, que acrescenta uma informação que não se tinha se só se lesse a palavra escrita e que ajuda a comunicar em maior profundidade e de uma forma mais completa.

Em conclusão, não podemos ignorar a comunicação que a linguagem audiovisual acrescenta às entrelinhas da linguagem verbal, o impacto, mesmo que desconhecido, de uma mensagem comunicada nas redes sociais e a dificuldade em potenciar a mensagem que transmitimos. Tudo isto é muito novo, apesar de sentirmos que o próximo passo já está a ser dado, e nós desconhecemos porque ainda não sabemos potenciar todas estas ferramentas.

Como é que vamos tornar a nossa mensagem viral? Esta será a grande questão.

Termina com outro excerto do filme “deus obrigado”, com a Irmã Ema a contabilizar os resultados da sua missão de Evangelização!

Pe. Tony Neves, missionário espiritano, desconstruiu o tema do painel, concluindo com a ideia de “pensar local, agir local”, “pensar global, agir global” e no final cruzar estes elementos.

O Pe. Tony Neves começa por referir que não é muito a favor da “glocalização”, que propõe o pensar global e o agir local. Na sua opinião, o local e o global têm de estar sempre cruzados e não podemos deixar de pensar local, porque se só pensarmos global não conseguirmos resolver o local. Este é um desafio enorme.

O Pe. António Rego, grande figura da comunicação social portuguesa, referia-se aos meios de comunicação como “odres” (vasos): pode-se colocar o mais generoso dos vinhos e o mais azedo dos vinagres, por isso não os podemos culpar pelo que de menos bom vem até nós, eles não têm culpa, são apenas meios de comunicação. Podemos utilizá-los para o melhor e para o pior. Todos os meios de comunicação são fantásticos.

Para vivermos a glocalização generalizada, temos de aliar a comunicação social e a missão: se não entrarmos na alma do povo (cultura) corremos o risco de entrar sempre com alguma superficialidade e podemos ser localmente muito enganados. Quando chegou a Angola, esteve um ano a aprender a língua, a cultura, os cheiros, os sons. Aprendem-se algumas expressões que traduzindo para português soam mal. Dá o exemplo de várias questões culturais: de expressões e da importância dos processos na cultura umbundo, da intensão das pessoas ao dizerem determinadas expressões. A língua é a alma de um povo e nunca conseguiremos perceber um povo se não percebermos a sua língua e expressões.

Uma outra dimensão: na Líbia, era lógico para o Paulo Moura que a resposta dos jornalistas à questão de ficarem no hospital era não; no Huambo, era óbvio que a resposta dos missionários em permanecerem no contexto de guerra era sim, e ficaram todos. Morreu um padre, duas irmãs, um seminarista, mas todos correram o risco de morrer porque eram missionários e estavam lá para partilhar a sorte e a má sorte do povo. Aqui há uma diferença. Quando é preciso ficar, tem de ficar, porque esta é a sua missão, para partilhar o dia-a-dia do povo. Não há nada mais bárbaro do que uma

guerra à porta fechada. Na guerra civil de Angola, a presença dos missionários limitou as barbaridades. Mesmo assim, foi barbara quanto baste.

O padre António Spadaro, SJ, lançou há pouco tempo o livro “a cyberteologia” em que aponta uma questão importante: antigamente orientávamo-nos pela bussola e a informação era clara, a nossa mentalidade era unidirecional. A seguir apareceu um radar e agora estamos na era da rede, que é mais confusa, mas nós temos de nos saber situar nesta diversidade de valores, maneiras de ser, de estar, de agir. Cada pessoa vai escolher os valores e viver com eles.

Passou por Portugal Dominique Wolton, que publicou o mais recente livro “*Communiquer c'est vivre*”, do qual citou duas ideias: a primeira é que a negociação devia impedir que a tensão degenera em conflito e este é o papel principal da comunicação, ou seja, é isto que faz um/a bom/a comunicador/a; a segunda é que nós temos de voltar ao tempo do sábio, do investigador. O Pe. João Aguiar Campos, da Arquidiocese de Braga, diz que nós hoje vivemos do “achismo” que se apoia na “palpitologia”. Nós acreditamos nas redes sociais como se fosse tudo verdade absoluta: vale o mesmo o que um “Zé Ninguém” diz e o que um investigador diz sobre o mesmo assunto. Temos de voltar a distinguir a academia e o “achismo popular”.

Para concluir, um dos papéis que aproxima o local do global tem de ser a capacidade de ajudarmos os grandes deste mundo, quando tivermos essa oportunidade, dizendo o que é necessário, mas mudando alguma coisa: para a sua tese de doutoramento, conseguiu fazer duas entrevistas exclusivas em que colocou ao Presidente da República de Angola, José Eduardo dos Santos, e ao então líder da UNITA, Jonas Savimbi, as mesmas seis perguntas: três sobre o que eles achavam do papel da Igreja Católica em Angola, numa altura em que ambos tinham perseguido a Igreja Católica, e três outras perguntas sobre o respeito dos direitos humanos, que ambos violaram. Ambos reconheciam nas três primeiras perguntas que a Igreja Católica tinha sido a luz iluminadora de Angola, tinha sido a entidade que durante o tempo difícil da guerra tinha feito alguma coisa pela pacificação e por outro lado, ambos reconheciam que durante a guerra, ambos os exércitos tinham violado os direitos humanos.

Isto Mudou alguma coisa? Não, mas repete sempre nas suas conferências para poder lembrar o que está mal, que também é o papel da Igreja Católica.

Na abertura às perguntas, Andreia Soares, da Rosto Solidário, falou da sua preocupação com a formação da opinião, gostava de ouvir a opinião dos oradores sobre a influência dos meios de comunicação social na formação de opinião.

José Cerqueira da Costa questiona sobre o poder dos jornalistas para terminar uma guerra.

Paulo Moura responde que não é possível um jornalista nem ninguém terminar uma guerra. Relativamente à formação de opinião, discorda do Pe. Tony quando ele diz que a comunicação serve para nos entendermos. Falou da propaganda como forma de

comunicação, e não é apenas mentiras. Exemplo: morte do Vasco Granja, que já morreu há 10 anos mas ainda continua a aparecer nas redes sociais a notícia da sua morte como se tivesse sido hoje. Quem vê a mensagem não tem forma de saber se ela é credível ou não, mas sim na forma como ela é comunicada. Concorde com o Pe. Tony quando ele diz que devemos voltar ao tempo dos sábios. Hoje em dia há muito mais informação disponível. O segredo é discernir qual é a informação importante. A comunicação em si não garante mais paz no mundo.

Patricia Pedrosa, relativamente à formação de opinião, refere que nós, enquanto indivíduos, não deixamos de ter capacidade de análise crítica sobre aquilo que nos chega, nós podemos escolher, podemos fazer uma seleção. Mas questionamo-nos sobre isto? Tudo isto é tão novo que ainda é difícil estarmos à vontade nas redes sociais, mas o espírito crítico ninguém nos tira. Sobre o jornalista poder terminar uma guerra, acredita que o jornalista consegue aliviar tensões, mas daí a terminar com a guerra, tem de haver outros poderes.

Paulo Moura, em provocação, refere que os meios modificam a história, não são assim tão inocentes. Por exemplo, os discursos de Hitler, propagados pela rádio: há quem defenda que se houvesse TV estes não teriam o mesmo efeito, seriam ridículos. Em 1960, houve um debate na TV entre o Kennedy e o Nixon, em que as pessoas que viram o debate na TV acharam que o Kennedy ganhou o debate porque estava com boa figura, enquanto o Nixon suava em bica. As pessoas que ouviram na rádio acharam que o Nixon ganhou o debate, e o Kennedy ganhou as eleições, de facto. Hoje em dia, a rede dominante são as redes sociais.

Pe. Tony Neves refere que os jornalistas podem não acabar com a guerra, mas as mulheres podem acabar com a guerra. Diz isto com base na experiência de Angola, em que considera que a guerra foi terminada pelo movimento de mulheres PROMAICA – Promoção da Mulher Angolana na Igreja Católica. Quando os dois regimes estavam a lutar, elas saíram à rua a dizer: quem está a morrer na guerra são os nossos filhos e não vamos admitir que esta guerra continue.

Veja o painel ***Comunicação social: convivência entre o local e o global*** [aqui](#).

Conferência de Encerramento: O que nos une a todos?

D. Ximenes Belo, bispo emérito de Díli, encerrou o I Fórum Missionário, começando por saudar o CMAB e esta iniciativa.

Distinguiu missão e missões, aqui, entre nós, e à distância, longe daqui. As missões são importantes caso contrário não estaria ali, as missões continuam a precisar de pessoas da Arquidiocese de Braga. Lembra o missionário de Braga, Saul Araújo. Sobre a missão, refere que não é preciso ir para tão longe para ser missionário. Santa

Teresinha do Menino Jesus era missionária no seu convento e foi proclamada padroeira das missões, juntamente com São Francisco Xavier.

Quando lhe deram o título “O que nos une a todos” pensou em duas realidades fundamentais: que nos une é a nossa humanidade e a fé, autenticamente vividas por diferentes pessoas, de diferentes raças e diferentes cores.

D. Ximenes Belo deixou os seguintes conselhos aos missionários de Braga:

- para se ser um autêntico missionário tem de se **dar testemunho da fé** pessoal, viva, vivida, dinâmica;
- a fé baseia-se muito na **oração pessoal e oração comunitária**, se o cristão não reza, não está em união com a Santíssima Trindade, que é fonte de toda a missionação, não pode dizer que é um autêntico missionário. A oração é fundamental para ganharmos o ânimo e sairmos de nós próprios, para termos coragem de proclamar o Evangelho, de anunciar o nome de Jesus;
- **espírito de conversão**, porque há povos mais cultos que nós, que têm a sua filosofia, a sua cultura, a sua civilização própria, não é a civilização ocidental europeia que é superior a outras civilizações: saber apreciar, saber perdoar, saber tolerar, saber aceitar, porque somos da mesma família, somos da mesma fé, e então podemos anunciar o Evangelho;
- **diálogo**, porque, por vezes, só as autoridades tem a palavra, aquele que tem poder, aquele que tem mais cultura. O diálogo parte de sermos humildes para aceitarmos o que os outros dizem, para reconhecer também a verdade nas outras culturas e nos outros povos e nas outras etnias;
- **espírito de abertura**;
- uma **profunda espiritualidade missionária**, anunciamos a Cristo, unidos a Cristo para anunciar o Evangelho. Cada um de nós tem de ser “cristofago/a”: trazer Cristo em nós e anunciar aos outros;
- **espiritualidade pneumatológica**, estarmos convencidos de que Cristo é que nos move. É o espírito que nos abre o coração para clamar: Abá – pai. É o espírito que nos anima, e por isso uma grande devoção ao Espírito Santo;
- **espiritualidade eclesiologia ou eclesial** porque fazemos a Evangelização não no nosso nome, mas no nome de uma Igreja Universal, somos enviados pela Igreja, agimos em nome da Igreja e agimos para o bem de toda a Igreja. Somos também enviados e vivemos numa Igreja Local: se formos enviados é pela nossa Igreja de Braga. Este espírito de união, concordância e diálogo com a nossa comunidade.
- **espiritualidade mariana**: todos os papas falam de Nossa Senhora como estrela, de todos nós.

Conclui dizendo que, para além da comunicação social, precisamos de um contacto mais de perto com as pessoas. O Papa Francisco exorta-nos para sairmos de nós próprios para sermos mais próximos das pessoas. O presidente dos afetos também nos mostra como podemos estar próximos das pessoas.

Pe. Tony Neves, relacionando com o painel anterior, recorda a onda mediática no tempo crítico de Timor Leste que queria ser independente. Como é que o D. Ximenes Belo avalia a intervenção da comunicação social na história mais presente de Timor Leste?

D. Ximenes Belo refere a importância dos meios de comunicação social e da comunidade internacional, sem os quais a Indonésia esmagava-os. Muitas vezes ligava para a Rádio Renascença, para a RTP a pedir para escreverem e falarem sobre Timor-Leste, para poderem ter esperança que não vão morrer pela luta dos direitos humanos.

Sara Poças fez o encerramento do Fórum Missionário “O que nos une a todos”, fazendo uma síntese dos painéis e agradecendo a todas as pessoas envolvidas.

Veja a **Conferência de Encerramento: O que nos une a todos?** [aqui](#).

Principais conclusões do Fórum Missionário

Os vários convidados que passaram pelo Fórum Missionário tentaram responder à questão/afirmação “O que nos une a todos?”. Eis as principais conclusões.

- A *humanidade* foi apontada em todos os painéis; esta não deve faltar nem por ação, nem por omissão.
- A fé, a solidariedade, a amizade, o humanismo, a memória e o diálogo.
- A importância da difusão e da oração das situações de conflito.
- O espírito de abertura ao próximo, perante a dificuldade do outro – identidade cristã.
- A reformulação da ideia do asilo político, religioso, pela sobrevivência.
- Uma maior coordenação entre várias pessoas e instituições, evitando populismos.
- Um apelo às famílias portuguesas para se disponibilizarem para acolher famílias de refugiados.
- Uma atenção à presença dos estudantes e das crianças refugiados no nosso país.
- A importância da compreensão das diferenças, da autonomia das pessoas e do trabalho em equipa e em rede.
- A importância de saber amar.
- A importância da partilha.
- Encarar o mundo sem medo.
- Ter memória – consciência histórica.
- A liberdade.
- A comunicação social e a linguagem usada.
- O cruzamento do local e o global.

Avaliação do Fórum Missionário

Para além da avaliação feita pela organização, 41 participantes responderam ao inquérito de avaliação *on-line*. Partilhamos as sugestões dos participantes para futuros eventos:

- Continuem atentos à atualidade, atentos aos jovens e suas dependências, atentos aos meios que a sociedade disponibiliza para ajudar os mais carenciados (quer material, afetiva e educacionalmente).
- Talvez os *workshops* pudessem ser orientados nos sentido dos temas dos painéis, no sentido de complementar a reflexão sobre os mesmos, com o mesmo público, ou seja, serem como que a continuidade dos painéis.
- Os *workshops* sejam parte do programa e não em simultâneo com as conferências, de modo a que quem vai dinamizar um workshop possa assistir às conferências...
- A mostra das organizações decorresse num local com maior garantia de passagem, como a entrada do auditório (mesmo que para o efeito tenha de diminuir o espaço de exposição de cada banca ou mesmo o número de bancas).
- O tema: papel da Mulher na religião.
- Temas: Igreja Missionária de Portugal | Ser Paróquia Missionária | Ser Igreja 'em Saída'.
- Temas "Como Coordenar e concretizar o apoio aos refugiados e a todas as instituições existentes ligadas ao voluntariado", " Formação e apoio para a abertura de novas associações de voluntariado"
- Painel sobre a Prostituição como Violência de Género.
- Maior envolvimento e participação por paróquias, associações, universidade, escolas.
- Tema: O caminho para o futuro civilizacional.
- Uma sessão específica de networking entre as várias entidades presentes e até com os oradores convidados, apesar de tal ser possível durante o evento.
- Tema Espiritualidade cristã e Espiritualidades - pontos de contacto para a construção da "Civilização do Amor"
- É importante de dar conhecer aos leigos sobre as doutrinas Sociais da Igreja e Conteúdo dos documentos de Concílio Vaticano II.
- Os oradores explorem as suas vivências, como ultrapassaram os problemas - continuar com a partilha de experiências.
- Uma conferência para dar a conhecer o trabalho de cada associação (5 minutos para cada uma expor as suas ideias).

Como “Plano de Ação” pós-Fórum Missionário, foram apontadas várias ideias:

- Continuar empenhado na dádiva do meu tempo aos outros.
- Já coloquei em prática e falei de muitos dos temas do painel.
- Desenvolver a temática do desporto neste contexto.
- Vontade de estruturar algo sobre Educação e Refugiado.
- Ter sempre presente que a missão é o que nos une a todos!
- O convite a (re)pensar constantemente os nossos modos de trabalhar, para melhor servir; o foco no valor humano; maior conhecimento de algumas instituições.
- Entusiasmo para participar em projetos missionários "ad intra".
- Divulgar o evento. Vamos fazer reportagem da Revista Boa Nova.
- O respeito pelo próximo e a necessidade de uma maior colaboração entre entidades e o fazer pontes com os mais necessitados.
- A consciência de que existem diferentes perspetivas que devemos sempre equacionar antes de qualquer juízo de valor.
- Criar e abrir laços e portas de comunhão e de interajuda...
- O conhecimento de outras organizações.
- Pensar na situação dos refugiados.
- Vontade de aprofundar alguns temas.
- Lutar pelo enraizamento de princípios e valores solidários.
- Valorização de cada pessoa, isto é, da dignidade humana, em situações concretas... Continuar a refletir sobre a questão da mulher na sociedade e da Igreja.
- Desafios da sessão de abertura e o painel sobre refugiados em permanente atualização.
- Vontade de criar unidade e coesão no dia-a-dia.
- Reforço da convicção de que temos todos ao nosso alcance ações que devemos continuar a desenvolver em prol da defesa dos direitos humanos.
- Cultura.
- Analisar o contexto em que cada "problema" surge, não rotular como "refugiado", "coitadinho"... e respeitar ainda mais o ser humano e a sua origem (país).
- O facto de todos estarmos ligados pela necessidade tão urgente de tornarmos o "mundo cada vez mais humano".